



Rede Jesuíta
de Educação



INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: CONTEXTO E PROPOSTA DA REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO BÁSICA



Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ

Provincial dos Jesuítas do Brasil

Prof. Dr. Pe. Sérgio Mariucci, SJ

Secretário para Educação da BRA

Prof. Dr. Fernando Guidini

Diretor da Rede Jesuíta de Educação Básica

Grupo de Trabalho Inovação Pedagógica

Coordenação: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Bastos Loureiro -
Assessora Pedagógica da RJE

GT 1

- Prof. Dr. Alexandre Marins – Diretor Acadêmico do Colégio Anchieta (Nova Friburgo – RJ)
- Prof.^a Ma. Ana Paula Marques – Ex-diretora Acadêmica do Colégio Antônio Vieira (Salvador – BA)
- Prof. Ms. Carlos Freitas – Diretor Acadêmico do Colégio Loyola (Belo Horizonte – MG)

GT 2

- Prof.^a Ma. Caroline Lourenço de Almeida Ribeiro - Coordenadora do Ensino Médio da Escola Técnica de Eletrônica Francisco Moreira da Costa (Santa Rita do Sapucaí – MG)
- Prof.^a Dr.^a Claudia Furtado de Miranda – Orientadora da 2^a e 3^a séries do Ensino Médio do Colégio Medianeira (Curitiba – PR)
- Prof.^a Ma. Maria Isabel Xavier - Orientadora Pedagógica do Ensino Fundamental II e Médio do Colégio Anchieta (Porto Alegre – RS)
-

GT3

- Prof.^a Aline Castoldi – Orientadora Pedagógica - 3^o ao 5^o ano do Ensino Fundamental I do Colégio Catarinense (Florianópolis – SC)
- Prof.^a Ma. Amanda Santos - Coordenadora da Unidade I - Maternal III ao 2^o ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas (Juiz de Fora – MG)
- Prof.^a Simone Lima – Ex-coordenadora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Colégio São Luís (São Paulo – SP)

Leitores Críticos:

Prof. Dr. Gustavo Severo de Borba – Diretor do Instituto para Inovação em Educação (Unisinos)

Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Klein, SJ – Assessor Pedagógico da RJE

Prof. Dr. Fernando Guidini – Diretor da RJE

Redação Final:

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Bastos Loureiro – Assessora Pedagógica da RJE

Dados internacionais de catalogação da Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro

Inovação pedagógica: contexto e proposta da Rede Jesuíta de educação básica [e-book] – 1. Ed. Rio de Janeiro: Rede Jesuíta de Educação, 2024.

118 p. : il., 30 cm.

ISBN: 978-65-993376-1-1

1. Educação católica. 2. Jesuítas - Educação. 3. Inovação pedagógica. I. Título.

CDD 377.82

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação católica 377.82

Mario Borges – Bibliotecário - CRB 9/1909



SUMÁRIO

PRÓLOGO _____	5
APRESENTAÇÃO _____	9
I. INTRODUÇÃO _____	11
II. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O QUE É NA PERSPECTIVA INACIANA? _____	17
III. POR QUE INOVAR? _____	29
IV. QUEM E PARA QUEM INOVAR? OS ATORES DA INOVAÇÃO _____	39
V. O QUE ENSINAR E APRENDER? O CONHECIMENTO ESCOLAR _____	49
VI. COMO ENSINAR E APRENDER? QUESTÕES METODOLÓGICAS _____	59
VII. QUEM PROMOVE A INOVAÇÃO? O TRABALHO COLABORATIVO _____	68
VIII. HORIZONTES DA INOVAÇÃO _____	73
IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	86
COLETÂNEA _____	93

PRÓLOGO

Desde a sua fundação, e atenta ao ordenamento presente na Fórmula do Instituto, a Companhia de Jesus se compreende como um caminho para Deus. Inspirados pelo magis característico do carisma herdado dos fundadores da Companhia, colocamo-nos a caminho, seguindo Jesus Cristo, amando as criaturas e deixando-nos guiar pelo Espírito Santo em apostolados tão diversos. Como Inácio de Loyola e os primeiros companheiros, somos peregrinos a serviço da Igreja e da humanidade, enviados a colaborar com os outros numa missão de reconciliação e justiça, por meio das quatro Preferências Apostólicas Universais e guiados pelo discernimento comum, pelo planejamento apostólico e pelo trabalho em rede.

É dessa força-motriz que nos identificamos como educação inaciana e, desde a fundação dos primeiros Colégios Jesuítas no século XVI, observamos o legado apostólico dos nossos Colégios, formando inúmeras gerações de cidadãos por todo o mundo. Fiéis àquilo que nos identifica, somos provocados ao desinstalar constante, à abertura ao mundo, ao não ocultamento dos desafios e à confiança na ação do espírito, sempre em comunhão com a Igreja.

Na atualidade, a excelência pedagógica resultante desse percurso exige diálogo com o ordenamento educacional inaciano presente desde as ênfases da Congregação Geral XXXI, a refundação educacional proposta pelo Pe. Arrupe, as categorias presentes na obra 'Características da Educação da Companhia de Jesus', ao enfoque metodológico do Paradigma Pedagógico Inaciano, aos identificadores do documento "Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento'. Além disso, pressupõe o conhecimento e a leitura atenta sobre a obra 'A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade', a abertura às Preferências Apostólicas Universais e a sensibilização aos compromissos do Pacto Educativo Global.

Ao mesmo tempo, nossa proposta educativa pressupõe olhares externos, renovação contínua, pesquisa, inovação, reinvenção, abertura ao contexto e à ciência, diálogo com a literatura vigente e com tudo aquilo que nos cerca. Porém, faz-se necessária uma orientação discernida, a fim de que nossos projetos e processos educacionais realmente impactem as realidades nas quais nos situamos, adjetivando-nos como Colégios Jesuítas e formando para toda a vida. É nesse sentido que o pensar sobre o nosso modo de fazer educação exige clareza acerca dos pressupostos identitários, opções atentas sobre o presente e uma abertura atitudinal às oportunidades futuras.

É no contexto de atuação da Companhia de Jesus no Brasil, compreendendo o apostolado educativo como um dos serviços possíveis à Igreja, que em 2024 a Rede Jesuíta de Educação (RJE) completa 10 anos de história. Tempo oportuno de celebração pelo caminho de renovação e trabalho colaborativo trilhado; tempo de rever o trajeto percorrido e acolher com alegria os frutos das sementes lançadas a serviço de uma educação inaciana de excelência no Brasil; tempo de nos unirmos ainda mais como colaboradores na missão do educar e, juntos, fazer desse um tempo de graça, projetando-nos para um futuro cheio de esperança.

Nesse horizonte reflexivo – e, ao mesmo tempo, celebrativo, – situa-se o presente documento “Inovação Pedagógica: contexto e proposta da Rede Jesuíta de Educação Básica”, o qual objetiva apresentar um conceito de inovação na perspectiva da educação de e para os tempos atuais e futuros, tendo como pressupostos as orientações educativas da Companhia de Jesus, em diálogo com uma literatura que, na atualidade, estabelece pontes com o nosso modo de proceder em educação.

O documento é destinado a todos nós que, como educadores inacianos, inquietos e movidos pelo signo da excelência, pautamos o nosso fazer educativo em vista de um aprender de qualidade, atento aos sinais dos tempos e que gere transformação. Motiva-nos à reflexão sobre a inovação pedagógica na perspectiva inaciana e

dialoga com quatro grandes categorias: fundamentos, sujeitos, objetivos e métodos. Mais do que pontuar receitas pedagógicas e caminhos possíveis para a inovação em nossos colégios, move-nos a um pensar-sentir-fazer situado e por meio do trabalho colaborativo, movendo-nos à reflexão sobre as condições de possibilidade que perfazem a inovação em colégios da RJE. A sua grande tese, portanto, aponta para a proposição de modelos pedagógicos inovadores que refratam experiências locais, constituindo-se de maneira compreensiva e apropriando-se daquilo que temos e somos, respondendo com autoria às características do mundo presente que exige propostas educacionais disruptivas e portadoras de futuro – capazes de não negociar o inegociável.

Como RJE e no bojo dessa discussão sobre identidade e projetos de inovação pedagógica, temos a certeza de que educar para a reconciliação e a justiça é parte essencial de nossa abordagem educacional. As características da mudança de época que estamos vivendo deixam claro o enorme desafio que representa alcançar uma sociedade na qual todos tenham oportunidades de uma vida digna, de exercer a liberdade e sua responsabilidade na vida pública, contribuindo para o bem comum, que inclui o equilíbrio ecológico. Além disso, os jovens têm menos oportunidades de ouvir a Boa Nova e de encontrar comunidades de fé que alimentem e apoiem seu conhecimento sobre o cristianismo e o seu compromisso evangélico. Isso tem sido exacerbado pelo crescente influxo do mundo digital, mediante o qual é promovida uma globalização da superficialidade, tornando cada vez mais difícil para os jovens ouvirem a voz do Espírito em suas vidas. Portanto, é nosso dever detectar, reconhecer e trabalhar para superar resistências que põem obstáculos a um serviço educacional inaciano cada vez mais eficaz, propondo modelos de inovação pedagógica que despertem, gerem consciência e façam aprender, contribuindo para que nossos alunos cresçam como cidadãos globais na relação consigo mesmos, com o outro, com a criação e com Deus.

O nosso agradecimento ao Grupo de Trabalho Inovação Pedagógica da RJE que nos presenteou com esse documento. A cada

um dos pensadores em educação inaciana que se dedicaram a essa empreitada, o nosso muito obrigado. Tenham a certeza de que o fruto do trabalho então empreendido é expressão de um enorme caminho percorrido e carrega um grande potencial de transformação, oferecendo oportunidades para que nos apaixonemos por aquilo que é realmente significativo para nossas vidas, ajudando-nos na arte do educar.

Que por intercessão de Santo Inácio de Loyola tudo isso seja agradável a Deus, colocando-nos a caminho e produzindo frutos para o bem de todos.

Professor Dr. Fernando Guidini
Diretor da Rede Jesuíta de Educação
Rio de Janeiro, maio de 2024.

APRESENTAÇÃO

“Nosso mundo está em uma encruzilhada. Já sabemos que o conhecimento e a educação são as bases para a renovação e a transformação. Entretanto, as disparidades globais – e a necessidade urgente de reimaginar porque, o quê, onde e quando aprendemos – significam que a educação ainda não está cumprindo sua promessa de nos ajudar a construir futuros pacíficos, justos e sustentáveis.”¹

Pensar as instituições educativas da Rede Jesuíta de Educação Básica - RJE na perspectiva da inovação pedagógica, não só levando em conta, mas honrando sua robusta tradição educativa, envolve compreender o momento histórico que vivemos, a constituição e a trajetória das Unidades Educativas (colégios e escolas) e da própria Rede, além das implicações e importância do papel que desempenham e venham a desempenhar no cenário nacional. Nesse sentido, este documento tem como **objetivo** apresentar uma conceituação de inovação na perspectiva da educação de e para os tempos atuais e futuros, tendo como pressupostos fundamentais as orientações educativas da Companhia de Jesus.

O documento, elaborado pelo Grupo de Trabalho Inovação Pedagógica da Rede Jesuíta de Educação Básica, se **destina** a todos os educadores, docentes e não docentes da RJE, e **almeja** motivar, inspirar e iluminar as discussões sobre o tema em cenários mais amplos, ajudando as Unidades Educativas da RJE em seus processos de inovação pedagógica. Ele será apresentado às Equipes Diretivas da Rede no encontro anual em 2024, e será o documento base sobre o qual o II Congresso da RJE e VII Congresso Inaciano de Educação será realizado.

¹ Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação. UNESCO. Bobadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

O objetivo do GT foi primeira e principalmente contribuir para declarar o sentido da inovação pedagógica na perspectiva inaciana. Para a consecução desse objetivo, o GT buscou elaborar e entregar à RJE um documento sobre Inovação Pedagógica a partir de pesquisa documental sobre o tema, leituras de textos diversos e de documentos educativos da Companhia de Jesus, além das reflexões do grupo.

Importante salientar que este texto não tem a pretensão de esgotar o assunto, nem de abarcar todos os âmbitos relativos à inovação, dada a sua complexidade, variabilidade, e pelo fato de que, por sua própria natureza, a inovação está em eterna mudança, avançando sempre, apontando caminhos; não se constituindo, portanto, em um conceito fechado, mas em contínua transformação.

Na trajetória de pensar e elaborar este trabalho, o GT Inovação Pedagógica da RJE percebeu a pertinência do tema e a necessidade de aprofundar sua aplicabilidade especificamente nas Unidades Educativas da Rede. Para a consecução desse objetivo, o GT reuniu-se várias vezes ao longo do ano de 2023, virtualmente e presencialmente, para leituras, discussões, escrita e refinamento do texto.

O GT foi acompanhado pelo Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Klein, S.J., e coordenado pela Profa. Dra. Ana Maria Bastos Loureiro, ambos assessores pedagógicos da Rede Jesuíta de Educação Básica.

I. INTRODUÇÃO

O passado ficou para trás, aprende com ele!

O presente está aí, vive-o!

O futuro está por vir, prepara-o!

Pe. Gerardo Remolina, SJ. (2005)

A palavra inovação tem ganhado cada vez mais espaço no discurso e nas intenções de todos aqueles que se encontram imersos no meio educacional, sejam educadores, gestores e empresários do setor, além da própria sociedade, quando se pensa o futuro da escola e de crianças e jovens que vivenciam seus espaços por longos anos de suas vidas.

Na tradição educativa da Companhia de Jesus, a ideia da desinstalação, da mudança, da inovação, da busca do *magis*² sempre esteve presente. Pode-se dizer que esse conceito faz parte de seu DNA, é constitutivo do modo de ser e proceder desde a organização dos primeiros colégios. A articulação entre tradição e inovação nos move a olhar para frente no que tange às possibilidades e tendências futuras, sem abdicarmos das referências históricas da Companhia de Jesus, especificamente aquelas relativas à educação, tendo como marco e ideário dessa tradição educativa o documento *Ratio Studiorum*³.

Importante trazer à baila o real sentido de tradição para a educação jesuítica. Contrária à consideração de tradição como algo

² Segundo *'Características da Educação da Companhia de Jesus'* (1986), o advérbio em latim *magis* significa 'mais', não implicando uma comparação com outros nem uma medida de progresso absoluto. Antes é "o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros". (1986, p. 76)

³ A *Ratio Studiorum (Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu)* é um documento que se refere às Constituições da Companhia de Jesus, promulgado em sua versão final em 1599. A IV parte das Constituições, dedicada à educação, traz as linhas mestras da organização didática e o espírito da atividade pedagógica da Ordem.

imutável, estático, antiquado, em oposição à inovação relacionada à mudança, ao moderno e desejável, a tradição, segundo Klein (2020)⁴,

“não significa algo estacionário ou cristalizado, como mostra o verbo latino ‘tradere’, do qual provém, significando entregar, transmitir, passar, confiar, ceder, comunicar, de uma geração a outra, de pai para filho, dados, doutrina, costumes, valores. Tradição é, por conseguinte, algo dinâmico, fluente, em movimento.” “Na educação jesuíta tradição e atualização não são elementos excludentes ou antagônicos, mas combinam-se e se enriquecem mutuamente.” (2020, p. 28)

No bojo dessa trajetória de inovação, de se pensar localmente e agir globalmente, de olhar sempre mais à frente, de ir às fronteiras, é que a Companhia de Jesus tem caminhado ao longo de sua existência.

E, nessa caminhada, tem elaborado farto documental educativo, de caráter fundamental e universal, apontando caminhos e propostas a partir de seu carisma. Nessa perspectiva, em 1986, foi publicado o documento ‘Características da Educação da Companhia de Jesus’, em comemoração à primeira versão da *Ratio Studiorum*. Em seguida, em 1993, objetivando pôr em prática as disposições do documento anterior, foi publicado ‘Pedagogia Inaciana: uma proposta prática’. Iluminado pela Espiritualidade Inaciana, esse documento amplia conceitos basilares presentes na décima parte do ‘Características da Educação da Companhia de Jesus’ e apresenta as cinco dimensões de seu paradigma, o Paradigma Pedagógico Inaciano (Contexto, Experiência, Reflexão, Ação e Avaliação).

Mais recentemente, em 2019, um importante documento foi publicado, a saber, ‘Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento’ que revisita os dois primeiros documentos do século passado, contextualiza os referenciais do mundo presente e apresenta compromissos futuros

⁴ Conferência proferida pelo assessor pedagógico da RJE, Pe. Luiz Fernando Klein, SJ, aos educadores do Colégio Medianeira, de Curitiba (Brasil), estendida aos demais colégios jesuítas do Brasil em 2020.

para a educação da Companhia de Jesus, além de contemplar as Preferências Apostólicas Universais.

Importante salientar a natureza dos documentos acima quanto à sua importância e abrangência de tempo e lugar. Como já enunciado, 'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento', e 'Colégios Jesuítas. Uma Tradição Viva no século XXI: um exercício contínuo de Discernimento' possuem caráter universal e permanente, constituindo-se em documentos fundamentais e fundacionais, que têm se renovado ao longo da história, preservando sua essência e seu espírito.

Restrito geograficamente e temporalmente, o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação – PEC RJE está voltado unicamente para suas Unidades Educativas do Brasil até o ano de 2025.

Merece destaque o fato de que a tríade documental pedagógica acima expõe a fundamentação e os princípios que direcionam a ação educativa jesuíta, enquanto o Projeto Educativo da Conferência dos Provinciais da América Latina – PEC CPAL, assim como o PEC RJE, constituem os planos para operacionalizar o ideal descrito.

Contempladas no documento 'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento', as Preferências Apostólicas Universais 2019-2029 - PAUS, promulgadas pelo Pe. Geral, Arturo Sosa, SJ, e abençoadas por Papa Francisco, são fruto de uma eleição discernida, voltadas para os dias atuais, em sintonia com as prioridades da Igreja diante dos desafios do mundo contemporâneo. Segundo Pe. Klein, SJ, as PAUS são o horizonte da vida e da missão dos jesuítas hoje, "*uma linha que nunca se alcança, porque sempre se desloca à medida que avançamos em sua direção. O horizonte é algo que não se deixa apreender, limitar, domesticar, mas sempre inspira e mobiliza.*" (2023, p. 5)⁵

Reconhecer o lugar de cada um desses importantes documentos educativos da Companhia de Jesus, no mundo e em

⁵ KLEIN, Luiz Fernando. **O Pacto Educativo Global e a Educação Jesuíta Hoje**. Artigo escrito para a RJE, 2023.

nosso país, ajuda na organização das leituras e de estudo, na eleição de temas essenciais, na conexão com outros documentos que neles se inspiram, e na elaboração de projetos e documentos futuros.

Ao lado da criatividade, a inovação representa o sétimo princípio/valor do Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica - PEC, cujo teor denota a premissa de que *“a tradição jesuítica inspira abertura e ousadia para construir projetos e processos que respondam aos desafios da sociedade contemporânea”* (PEC, p. 15).

Neste mesmo documento, ao citar os acordos finais do JESEDU 2017 ⁶, há o chamado para *“um discernimento genuíno em continuidade com nossa herança espiritual, para respondermos criativamente aos desafios do nosso mundo e das novas gerações que frequentam nossos colégios”* (2017, p. 90), entendendo *“que nossa tradição nos chama a participar de uma conversação contínua sobre os melhores meios para servirmos à nossa missão hoje, que deve se refletir na renovação e na inovação em nossos colégios e modelos pedagógicos”*. (PEC, pp. 90-91)

Portanto, tradição e inovação se tornam movimentos complementares que, juntos, têm a potencialidade de *“propor e implementar melhores práticas educativas que realmente possam encarnar a excelência humana de nossa educação e transformar nossos estudantes, nossas sociedades e a nós mesmos.”* (PEC, p. 91).

Outros documentos pedagógicos fundamentais aos quais é importante fazer referência são os pronunciamentos dos Superiores Gerais da Companhia de Jesus que têm incentivado as instituições educativas na tarefa inexcusável de olhar e discernir os sinais dos tempos em vista dos movimentos de inovação dos processos educativos. São cartas, discursos, alocuções e conferências aos jesuítas e colaboradores das obras apostólicas, além de homilias e celebrações litúrgicas.

⁶ JESEDU (Jesuit Education). Trata-se do primeiro Encontro de todos os Delegados de Educação da Companhia de Jesus, ocorrido em outubro de 2017 no Rio de Janeiro.

No que diz respeito à urgência da renovação pedagógica, Klein (2023) apresenta a visão de três Superiores Gerais da Companhia de Jesus, Pe. Arrupe, Pe. Kolvenbach e o atual Pe. Geral, Arturo Sosa. Segundo Klein, Pe. Arrupe insistia na urgência da mudança, da renovação pedagógica, na visão do processo educativo como algo aberto, contínuo e duradouro, para além do tempo da escola.

Pe. Kolvenbach, no mesmo documento (Klein, 2023), nos previne de que não se trata de reeditar o passado, mas de responder com imaginação e criatividade aos desafios do mundo de hoje. E Pe. Arturo Sosa, de forma radical, afirma que a inovação não é mera melhora do que já se faz em termos de práticas pedagógicas, mas de criar, sem medo, um novo modelo educativo. Para ele, é uma tarefa ambiciosa, revolucionária em certo sentido, frente ao que chamou de inércia institucional.

Analogamente, também na literatura pedagógica recente, conceitos, valores e princípios presentes na atualidade, que têm se mostrado imprescindíveis para o futuro da humanidade, não somente para o futuro do mundo do trabalho, objetivo principal do modelo educativo tradicional, estão presentes nos ideários educativos inicianos, dentre eles a centralidade da pessoa humana, o cuidado com nossa casa comum, a criatividade, a empatia, a justiça, a opção pelos pobres, a reconciliação, a colaboração, o trabalho em rede, a excelência pedagógica humana etc.

Nessa perspectiva, é mister perguntarmo-nos se, e até que ponto, estamos respondendo com fidelidade e competência a esses indicativos. George Monbiot (2017), ambientalista acadêmico do Reino Unido, em artigo publicado no Boletim Digital 'Outras Palavras', nos questiona: "*O mundo precisa, cada vez mais, de gente criativa, crítica, colaboradora. Mas o sistema de ensino continua a estimular a repetição, a disputa, a hierarquia. Por quê? Quais as saídas?*"

Diante desse cenário e em resposta às questões até aqui apresentadas é que o Grupo de Trabalho (GT) Inovação Pedagógica da Rede Jesuíta de Educação Básica aceitou o desafio de se debruçar sobre o tema, com disposição, responsabilidade e compromisso

com a educação contemporânea e, da mesma forma, com atenção e em consonância com as orientações pedagógicas presentes nos documentos educacionais da Companhia de Jesus.

Em um contexto de profundas mudanças de natureza política, econômica, social, cultural e tecnológica, presenciam-se impactos consideráveis sobre as instituições educacionais, que são convocadas a não apenas considerar o passado, mas também, e principalmente, contribuir para a criação do presente e do futuro. Assim, segundo Marins (2015), a educação compromete-se com uma agenda de transformação relacionada às mudanças sociais, entendendo que *"[...] a formação só tem sentido se for comprometida com o esclarecimento das consciências e se promover mudanças positivas na estrutura social."* (p. 140-141)

Nesse sentido, segundo Sancho-Gil (2018), é necessário atualizar e discutir reiteradamente quem são os sujeitos da educação, na sua condição histórica, suas novas formas de aprender, de ser e estar no mundo, as novas noções de conhecimento, a natureza e função das tecnologias educacionais, as experiências de aprendizado e as novas formas de avaliar todo o processo e os resultados de ensino e aprendizagem.

Para melhor responder a esses desafios, com o objetivo de compreender e mapear cada face do tema 'inovação', é que este trabalho foi articulado em sete categorias de análise, a saber: i. Inovação Pedagógica: o que é na perspectiva inaciana?; ii. Por que inovar?; iii. Quem e para quem inovar? Os atores da inovação; iv. O que ensinar e aprender? O conhecimento escolar; v. Como ensinar e aprender? Questões metodológicas; vi. Quem promove a inovação? O trabalho colaborativo; vii. Horizontes da inovação.

Como parte integrante e substantiva deste texto, após as considerações finais, apresenta-se rica coletânea elaborada pelo Pe. Luiz Fernando Klein, SJ. Trata-se de um levantamento dos referenciais educativos da Companhia de Jesus que versam sobre o tema.

II. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O QUE É NA PERSPECTIVA INACIANA?

“A história da inovação escolar, como toda história é um amálgama de grandes ideias, momentos brilhantes e oportunidades perdidas” (Fernando Hernández, 2000, p.19)

O que significa inovar no âmbito da educação? Essa pergunta tem sido feita há muito tempo e muitos teóricos têm procurado respondê-la a partir de visões particulares, muitas vezes superficiais, principalmente no campo da educação escolar. A associação principal incide sobre a tecnologia e seus surpreendentes avanços. Não há dúvidas a respeito do impacto das transformações digitais no mundo e em nossas vidas, seja nas imensas possibilidades de expansão da informação e do conhecimento e nas diversas formas de comunicação, como, ao mesmo tempo, nos novos formatos de despersonalização, discriminação e controle.

No entanto, a inovação está para além do uso de tecnologias, para além de modismos e de novidades pedagógicas. Trata-se de um processo transformador que promove mudanças paradigmáticas, implicadas principalmente com a qualidade das aprendizagens, numa perspectiva de desenvolvimento integral e integrador.

O conceito de inovação, ainda que abarque os aspectos relacionados às práticas pedagógicas, metodológicas e de gestão escolar, vai muito além. Pergunta-se, diante das discussões sobre a necessidade de inovar para acompanhar um mundo globalizado, o que vem a ser, então, inovação para a educação? Seria uma proposta nova, que possui a capacidade de reinventar; estratégias diferentes para trabalhar com os estudantes; ou a transformação da sala de aula em um laboratório tecnológico?

É preciso considerar que vivemos em um mundo em constante inovação social, política, econômica, tecnológica e científica, mas que o significado dessas mudanças não é mais previsível como há algumas décadas. O empenho para se entender o mundo atual não garante que consigamos traçar ou mesmo nos aproximar do que ele será no futuro.

Conforme Messina (2001, p. 231), “[...], *mudar significa alterar as regras do jogo, aprender novos códigos culturais, desnaturalizar ou refletir sobre os padrões habituais*”. Nesse sentido, a inovação pedagógica está no campo da reflexão e retomada contínua do fazer pedagógico, com um olhar voltado para a melhoria do processo de aprendizagem dos estudantes.

Quando a comunidade educativa assume que a escola não possui todas as respostas para as demandas atuais, já se caracteriza o primeiro passo de um processo inovador, englobando e provocando uma mudança de paradigma. A partir daí, buscam-se outros caminhos que atendam às diferentes demandas da contemporaneidade. Para Leivas, Noal e Ceschini.

No entanto, salientamos que inovação não é qualquer tipo de mudança, ela vai depender de cada realidade, situada no seu espaço-tempo e no seu constructo histórico-social, possuindo intencionalidade e visando melhorias de forma deliberada e consciente. (LEIVAS, NOAL e CESCHINI, 2022, p. 107)

Estudar sobre o significado de inovação para o contexto educativo é um desafio recorrente diante de uma sociedade que se transforma em movimentos acelerados e em diversas frentes e caminhos.

Para o educador português José Pacheco, a palavra

[...] “inovação tem origem etimológica, no latim innovatio. Refere-se a ideias, métodos ou objetos conotados com padrões anteriores. É ação ou ato que modifica antigos costumes, manias, legislações, processos... Abertura de novos

caminhos, descoberta de estratégias diferentes daquelas que habitualmente utilizamos. Invenção, criação de algo inédito.” [...] “No campo da educação, será um processo transformador que promova ruptura paradigmática, mesmo que parcial, com impacto positivo na qualidade das aprendizagens e no desenvolvimento harmônico do ser humano. ... Pressupõe não a mera adoção de novidades, inclusive as tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento.” (PACHECO, 2019, pp. 49 e 50).

Segundo o relatório *Measuring Innovation in Education – 2019*, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a inovação na educação se refere às práticas pedagógicas, metodológicas e de gestão, cujos produtos podem ser os conteúdos produzidos em diversos meios e os processos são as novas práticas e métodos, por exemplo. Nesse relatório, há uma pergunta de fundo: como a educação se reinventará para responder às megatendências que estão moldando o futuro de nossas sociedades e educar os alunos para esse futuro, e não para o passado? A resposta passa pelo reconhecimento e valorização de seis pilares básicos: os recursos humanos, as organizações educacionais, as novas tecnologias, os sistemas de ensino, a pesquisa e o desenvolvimento de ferramentas e processos.

Também Cunha (2022), ao detalhar a didática do processo de inovações nas escolas, considera que esse aspecto é uma tessitura paciente de esforços e energia, reconhecendo a análise crítica e reflexiva, em busca da compreensão dos acontecimentos e observando que

(...) temos reafirmado que as inovações se materializam pelo reconhecimento de formas alternativas de saberes e experiências, nas quais imbricam objetividade e subjetividade, senso comum e conhecimento científico, teoria e prática, cultura e natureza, afetividade e cognição, sujeito e objeto e outros tantos binômios, anulando dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos mediante novas práticas.
(CUNHA, 2022).

Ainda segundo Cunha (2022), alguns aspectos fazem com que as instituições educativas possuam características inovadoras. São elas:

- Ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender.
- Gestão participativa: horizontalidade.
- Reconfiguração dos saberes: ciência e cultura, educação e trabalho, pois estão interligados.
- Reorganização de currículos, considerando a teoria e a prática, pois hoje está centrado apenas na teoria.
- Perspectiva orgânica no processo: relações entre as decisões pedagógicas do ensinar e do aprender, considerando objetivos, desenvolvimento e avaliação.
- Mediação: considerar as relações socioafetivas na aprendizagem.
- Protagonismo: considerar alunos e professores como sujeitos, ainda que em posições diferentes.

Sabemos que a inovação é abrangente, apresenta muitas e diversas concepções e atinge vários aspectos da vida escolar. Sua interpretação e aplicação resultam de opções e intencionalidades concernentes a uma concepção de mundo, de pessoa e de sociedade, e de quais objetivos se deseja atingir no que tange à formação dos estudantes.

Esses objetivos estão claros nos documentos educativos da Companhia de Jesus. Necessita-se, primeiramente, de um resgate antropológico no sentido de realmente colocarmos a pessoa no centro do processo educativo e promovermos uma formação integral e integradora de nossos estudantes.

Destaca-se ainda que a inovação, segundo a visão da Companhia de Jesus, é sistêmica, disruptiva e complexa. A socióloga argentina, Inés Aguerrondo (2006), em concordância com essa concepção, afirma que os sistemas educativos enfrentam hoje a necessidade de mudanças substantivas. E, em decorrência, para avançarmos nessa direção, é importante compreender qual é a lógica da inovação.

Ela apresenta uma diferença entre o que chama de traços estruturais dos superficiais no que tange às mudanças sociais, e

nelas, as educacionais. Nesse sentido, são as estruturas que mudam como sistema social. Ao se buscar o sentido que orienta a mudança, é importante reconhecer seus diferentes efeitos. Para Aguerrondo, *“Si entendemos a las instituciones educativas como sistemas sociales, también en ellas pueden darse transformaciones o reformas, miradas en su conjunto; o innovaciones y novedades si los cambios se producen solo dentro de alguno de sus elementos sin abarcar el conjunto de la institución.”* (2006, p. 5).

Nessa perspectiva, entende-se que inovar não significa renovar alguns aspectos da realidade escolar, ou incorporar algumas novidades pontuais ao que já existe, mas imaginar, transformar, criar estruturalmente um novo modelo educativo.

Da mesma forma, o jesuíta espanhol José María Guibert (2020) adverte que

“El fin de la educación no es la supervivencia de un centro educativo. No es el mantenimiento del posto de trabajo del educador o gestor, ni su progresión académica, profesional y laboral. Las metodologías, las programaciones, los éxitos académicos, las aprobaciones presupuestas, el logro de las acreditaciones académicas son parte de la preocupación de los docentes y gestores académicos. Todo esto es necesario para que existan ámbitos a cuidar con esmero. Pero han ser medios que no han de absolutizarse ni hacer que nos desviemos de lo que es la educación.” (GUILBERT, 2020, p. 21)

Inovação para um centro educativo jesuíta: a educação integral no tempo presente.

(...) a Inovação Pedagógica é a marca estruturante da proposta pedagógica da Companhia de Jesus, e nossas escolas e colégios são convocados a responderem de forma disruptiva, formando cidadãos globais para o século XXI (...).⁷

No contexto da Rede Jesuíta de Educação Básica, a inovação está a serviço da sua missão educativa de

"promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inicianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos", visando "ser uma rede de centros inovadores de aprendizagem integral que educam para a cidadania global, com uma gestão colaborativa e sustentável."
(PEC, 2021, p. 14).

Para tanto, devemos considerar os diversos contextos em que estão inseridos os nossos colégios e escolas, reconhecendo e superando os problemas que exigem soluções simples e inteligentes. Assim, a inovação não está desconectada da realidade e nem se propõe a ser algo mirabolante e complexo. Pelo contrário, ela é a consequência de um processo de maturação acerca de situações que foram devidamente analisadas. Nesse sentido, a inovação é o resultado criativo que gera uma solução nova, sustentável e viável.

Pe. Arturo Sosa, na apresentação do Documento 'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento', lembra-nos que devemos manter a

"tradição de ajudar nosso apostolado educativo a repetir e discernir os desafios e as oportunidades particulares de nosso tempo, dando continuidade ao processo necessário de renovação, inovação e reimaginação que nossa educação requer durante esta mudança de época com que nos deparamos hoje." (TV, 2019, p. 5).

Os educadores inicianos reconhecem a importância de um currículo inovador, pautado nas condições históricas e nas infâncias e juventudes do tempo presente. A mudança é condição histórica permanente, e, como tal, demanda as renovações necessárias, como uma tarefa permanente no trabalho educativo. São convidados, a todo instante, a

⁷ Guidini, Fernando, Diretor da Rede Jesuíta de Educação. Prefácio da obra: Atienza, Rita. J.; Johnny, C. Go. Tradução Francisco Maria Sacadura Biscaia Gomes Machado. Aprender por refração: um guia de pedagogia iniciano do século XXI para docentes. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2023.

“usar a imaginação inaciana para propor e implementar melhores práticas educativas que realmente possam encarnar a excelência humana de nossa educação e transformar nossos estudantes, nossa sociedade e a nós mesmos, e dar um passo à frente do que hoje sabemos e imaginamos, preparando as juventudes para o futuro.”(JESEDU, 2017, p. 91).

É urgente e importante, diante das demandas vertiginosas de mudanças na contemporaneidade, compreender que o grande desafio educativo consiste em que as práticas de inovação estão para além dos imperativos da “moda”, discernindo o que coerentemente relaciona-se com a concepção educativa jesuítica, como um processo contínuo de transformações necessárias e significativas. A inovação precisa ser concebida como uma realidade constante na educação, como um processo necessário, paulatino, sustentável, que faça sentido para a prática educativa e suas intencionalidades.

Para um centro educativo da Companhia de Jesus, a inovação precisa ser transformadora e estar diretamente ligada ao compromisso com a formação integral, por meio de teorias e práticas pedagógicas que estimulem a pesquisa, o debate e as reflexões intelectuais constantes. Essa abordagem estimula a produção de conhecimentos significativos para o processo de reflexão contínuo desenvolvido no ambiente escolar.

Nesse sentido, considerando os princípios educativos da Companhia de Jesus, o propósito da educação integral é o grande norteador para a concretização da inovação nas práticas educacionais, fazendo com que não nos percamos no emaranhado discursivo contemporâneo dos imperativos mercadológicos que, muitas vezes, pulverizam e ressignificam os principais objetivos educacionais. Esses imperativos condicionam a inovação e a educação integral às demandas de uma sociedade de capital humano que, por meio de currículos pautados unicamente em competências e habilidades para um mundo competitivo e empresarial, distanciam-se de propostas comprometidas com a

justiça, a reconciliação e a equidade social.

Problematizando e reconhecendo que, como sujeitos históricos, também estamos imersos nessa dinâmica da formação para o capital humano, em vez de negarmos as proposições contemporâneas sobre inovação é preciso buscar convergências. Ou seja, a partir de um olhar crítico e criterioso, é importante avaliar o que se aproxima ou não do projeto de educação integral das escolas jesuítas.

Na perspectiva da educação inaciana, o relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, da Unesco (2022), considera que inovar em educação envolve estabelecer percursos de cooperação e de solidariedade, reconhecendo e buscando corrigir as exclusões históricas, valorizando a diversidade entre os diferentes grupos e indivíduos, com vista à promoção de uma cidadania global.

A inovação, com vistas à cidadania global, dessa forma, estabelece caminhos de desacomodação e de abertura a novos campos de possibilidades pedagógicas, com base na empatia e na compaixão, possibilitando a superação da injustiça e contribuindo para curar as feridas advindas da opressão e do apagamento das memórias coletivas e das tradições culturais dos múltiplos grupos constitutivos da sociedade contemporânea.

A inovação não pode ser um fim em si mesmo. Ela precisa ser um meio para o alcance de um projeto de sociedade mais justa e inclusiva. Os caminhos pedagógicos, em termos de currículos e metodologias, viabilizam um olhar de cuidado com o outro e com a casa comum. Nessa ótica, a inovação necessita ser pensada no escopo de uma educação que busque a preservação e a sustentabilidade.

Por fim, a Pedagogia Inaciana ensina que quando os princípios da educação unem os projetos educativos dos colégios e escolas em torno de uma cosmovisão comum, as bases dessas orientações

estarão sempre atualizadas, como nos mostra o documento 'Pedagogia Inaciana: uma proposta prática'

[...] o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis da iniciativa humana, e por sistemas e ideologias competitivas entre si, não pode permanecer tão restrito, se quisermos efetivamente preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade. Do ponto de vista puramente pragmático, a educação que se restringe à transmissão de cultura acaba efetuando uma preparação para o que já está caindo em desuso. Isto é evidente quando organizamos programas de preparação tecnológica. Menos aparente são, contudo, as consequências do equívoco em avaliar as implicações humanas das inovações que afetam realmente a vida, como a engenharia genética, a cultura da imagem, as novas formas de energia, o papel dos blocos econômicos emergentes das nações e muitíssimas outras inovações que o progresso nos promete. Muitas delas brindam-nos com a esperança de melhorar a vida humana. Mas a que preço? Não se podem deixar simplesmente tais perguntas por conta dos líderes políticos ou dirigentes da indústria; direito e responsabilidade de cada cidadão é julgar e agir de modo adequado em favor da comunidade humana que se está configurando. Cumpre educar as pessoas para exercerem uma cidadania responsável.

(1993, n. 79).

É importante, pois, considerar a questão: o que significa tradição e inovação para os colégios e as escolas da Companhia de Jesus? A tradição nos referencia e fundamenta, mobilizando-nos para o futuro e nos levando a educar para o discernimento, para a autonomia e para a liberdade. Tradição nos remete à identidade, ao sentimento de pertença, a valores e práticas. Inovação nos convida a avançar, a olhar para o futuro. Dessa forma, na perspectiva da educação jesuítica, é importante caminhar olhando tanto para um quanto para o outro, respeitando a história (tradição) e vislumbrando

o desconhecido (inovação).

Os valores inicianos embasam as escolas jesuítas, para que sejam verdadeiros laboratórios de transformação. Para isso, é fundamental desenvolver uma postura de escuta, de compreensão, de acompanhamento e de avaliação contínua das pessoas, dos tempos e dos lugares que constituem as comunidades educativas. Além disso, é preciso se abrir à renovação, tendo presente a convicção de que o modo iniciano de proceder e de se colocar a serviço exige uma disponibilidade que não se acomoda, mas que olha com criticidade para o seu tempo e aceita o desafio de explorar novas práticas e possibilidades de construção de um futuro melhor.

O Projeto Educativo Comum da RJE (2021), apresenta, em suas dimensões do processo educativo, orientações que iluminam nossas experiências, reflexões e ações.

Na dimensão curricular do PEC, no que se refere ao conhecimento (2021, p. 36),

“Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas sua dimensão intelectual.”

Com relação ao ensino e a aprendizagem (2021, p. 39)

“Nas Unidades Educativas da Companhia de Jesus, toda ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, socioemocional e espiritual-religioso. Nesse sentido, é importante promover a aprendizagem de modo que capacite o estudante a perceber o valor do aprendido ao longo da vida e possibilite o desenvolvimento dos talentos individuais e coletivos. Garantir a aprendizagem integral exige da escola, hoje, a compreensão de que o contexto mudou, os estudantes

aprendem de formas e em tempos distintos, em espaços que não se limitam ao escolar, exigem respostas individualizadas, diversos modos de fazer e de mediar a construção do saber, oportunizando vivências que atendam a diferentes necessidades.”

Esses recortes do PEC (2021) ilustram a intenção da tarefa educativa da RJE, comprometida em acompanhar os novos tempos e preparar os estudantes para um mundo em constante evolução, de tal modo que se tornem pessoas competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos.

Nesse movimento profundo de olhar para o tema da inovação, a partir dos princípios educativos da Companhia de Jesus na contemporaneidade, faz-se necessário trazer também a pauta da educação para a cidadania global,

...que não deve ser apenas um complemento, mas integrada ao currículo central. Isto acontece quando professores e estudantes incorporam exemplos globais e culturais ao longo de seus estudos; quando são ensinadas habilidades comunicativas que sejam inclusivas, efetivas e globalmente conscientes; quando todas as disciplinas são abordadas a partir do reconhecimento da globalização e do seu impacto na aprendizagem no século XXI; e quando as experiências globais e multiculturais são priorizadas nas realizações dos estudantes e na contratação de professores para a missão. ('Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento' 2019, n. 182 da RJE)

Nessa perspectiva, a educação representa a expansão do local e singular ao global, universal, no qual a humanidade no homem se realiza. Os valores aprendidos na educação escolar disseminam-se ajudando a formar o caráter dos estudantes levando-os a serem agentes de transformação do mundo, de um mundo melhor.

Em consonância a esse olhar mais universal da educação, temos como respaldo a videomensagem de convocação do Papa

Francisco para o 'Pacto Educativo Global – PEG'. Ele nos convida ao diálogo sobre *"a forma como estamos construindo o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir nos talentos de todos, porque todas as mudanças precisam de um caminho educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora."* O objetivo, segundo ele, é formar uma ampla aliança educativa voltada para a formação de pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e a oposição e reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna.

Diante da abordagem apresentada sobre o que é inovação, a partir dos referenciais teóricos que convergem com a concepção de inovação presente nos documentos da Companhia de Jesus, cabe perguntar por que inovar, questão que será explorada no próximo capítulo.

PARA IR ALÉM

1. Após a leitura desse capítulo, como você se sente? Esclarecido(a)? Desafiado(a)? Motivado(a)? Preocupado(a)? Por quê?
2. Faça uma lista das dez primeiras palavras que lhe ocorrem sobre inovação. Você as encontrou no texto? De que sentiu falta?
3. Essas palavras estão também presentes quando pensamos em inovação para uma instituição educativa da Rede Jesuíta de Educação Básica?
4. Converse com colegas, compare as listas. Troquem palavras, sentimentos, entendimentos, dissensos e consensos.
5. Como você resumiria os pressupostos fundantes da inovação pedagógica para a RJE?

III. POR QUE INOVAR?

Cada persona tenemos un compromiso ético permanente con el futuro. Ello obliga a mirar siempre hacia adelante a velar por el bienestar de todos los habitantes de la comunidad, a contribuir de forma activa a un mundo mejor. (DÍAZ, 2017, p. 213).

Algumas perguntas relacionadas à contemporaneidade ajudam a entender melhor as razões que fundamentam a inovação, tais como: qual o futuro do trabalho e da educação nas próximas décadas? O desenvolvimento ininterrupto na área da tecnologia da informação e da biotecnologia levam a cenários inimagináveis em relação ao mercado de trabalho, ou seja, quais o sentido, as formas de ocupação e a relevância da força de trabalho física e intelectual humana na economia global? Qual o sentido da liberdade e da igualdade diante do aparato digital – concentração de dados pessoais dos cidadãos nas mãos de quem controla tal aparato; *fake news* pós-verdade; inteligência artificial; e apropriação do humano? Se a inteligência artificial e a biotecnologia estão delineando uma reengenharia da vida, como isso nos provocará a novas questões sobre o sentido da vida? A crise ecológica e socioambiental poderá ser controlada de forma sistêmica? Como tratar da dimensão religiosa como transversal ao processo educativo?

Papa Francisco⁸, ao apresentar alguns traços de como vê a educação hoje, nos adverte que educar é, antes de tudo, humanizar, fraternizar, cuidar da casa comum, servir, gerar esperança, amar, numa perspectiva de educação integral – mente, coração, mãos. É preciso, segundo ele, difundir um novo paradigma sobre a pessoa, a vida, a sociedade, a relação com a natureza.

Da mesma forma, Pe. Arturo Sosa, SJ, no documento 'A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de

⁸ KLEIN, LF. **Como Francisco vê a educação?** Oficina Internacional de la Educación católica – OIEC. 2021

Qualidade', de 2019, no capítulo 'A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus', especificamente ao tratar dos desafios para a educação hoje que olha para o futuro, nos fala que a renovação é tarefa permanente no trabalho educativo. E ele nos exorta ao dizer

"Respondamos com imaginação e criatividade, sem perder de vista o fato de que o propósito de nossa educação é a formação da pessoa para que dê sentido à sua vida e com ela contribua para o bem comum, em seu contexto, no de sua sociedade e do planeta. Corresponde-nos criar modelos. Não tenhamos medo disso."(2016, p. 56)

Também o educador espanhol David Martín Díaz, ao questionar as motivações educacionais atuais para a inovação, pergunta "¿Cuál es nuestro ideal hoy como sociedad? ¿Cuáles son las claves que justifican por qué educamos actualmente? ¿Por qué vamos a la escuela ¿Qué espero del colegio de mis hijos?" (DÍAZ, 2017, p. 32). Segundo ele, a escola é um microcosmo excelente para compreender este mundo cada vez mais global e complexo.

Como responder a essas questões diante de um mundo em permanente transformação, de estado de mudança, claramente percebido no ambiente escolar, uma vez que é quase unânime o discurso entre os profissionais da educação de que "a escola e os estudantes de hoje em dia não são mais os mesmos de outrora". Diante disso, a inovação tem o potencial de ajudar a superar crises e a alcançar os objetivos educacionais e sociais, sobretudo os que se referem à justiça social e à melhoria das condições de vida. Nesse sentido, ao reforçar a importância da educação, o relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, da UNESCO, afirma que:

A educação é a base para a renovação e a transformação de nossas sociedades. Ela mobiliza o conhecimento para nos ajudar a navegar em um mundo transformador e incerto. O poder da educação está em sua capacidade de nos conectar

ao mundo e aos outros, de nos mover para além dos espaços que já habitamos e nos expor a novas possibilidades. Ajuda a nos unir em torno de esforços coletivos; proporciona a ciência, o conhecimento e a inovação de que precisamos para enfrentar desafios comuns. A educação fomenta a compreensão e constrói capacidades que podem ajudar a assegurar que nossos futuros sejam mais socialmente inclusivos, economicamente justos e ambientalmente sustentáveis (UNESCO, 2022, p. 8).

Seguindo o caminho de valorização da educação, é preciso pensar nas intencionalidades da inovação. Segundo Pacheco (2019), *"a adoção de um determinado paradigma educacional e consequente assunção de uma prática pedagógica não é neutra. Reflete a opção por um determinado tipo de vida em sociedade, de visão de mundo"*. Isso significa que o processo de inovação se justifica a partir dos propósitos e princípios educativos de uma comunidade.

Nessa linha, Papa Francisco, em reflexão contínua sobre a importância da educação e sua necessidade de renovação para a formação de pessoas comprometidas com a justiça social, questiona:

"Se os espaços educacionais, hoje, obedecem à lógica da substituição e da repetição; e são incapazes de gerar e mostrar novos horizontes, nos quais a hospitalidade, a solidariedade intergeracional e o valor da transcendência constroem uma nova cultura, não estaremos perdendo o encontro com este momento histórico?" (Videomensagem do Papa Francisco por ocasião do Encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: "Global Compact on Education. Together to Look Beyond", 15/10/20).

Da mesma forma, Pe. Arturo Sosa, Superior Geral da Companhia de Jesus, considera que os educadores são

"[...] chamados a um discernimento genuíno em continuidade com a nossa herança espiritual para responder criativamente aos desafios do nosso mundo e das novas gerações que

frequentam os nossos colégios. Somos conscientes de que a nossa tradição nos chama a participar numa conversa o contínua sobre os melhores meios para servir   nossa missão hoje, que deve se refletir na renova o e na inova o em nossos colégios e modelos pedagógicos. Tudo isto necessita levar os nossos colégios a usarem a imagina o inaciana para proporem e implementarem melhores práticas educativas que realmente possam encarnar a excelência humana de nossa educa o e transformar nossos estudantes, nossas sociedades e a nós mesmos.” (JESEDU, 2017, p. 2).

A necessidade da inova o está diretamente ligada ao compromisso com uma educa o atualizada, atenta aos desafios da contemporaneidade, como se constata nos documentos ‘Pedagogia Inaciana: uma proposta prática’ (2015⁹) e ‘Colégios Jesuítas: Uma Tradi o Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento’ (2019).

Segundo o primeiro documento citado acima, o objetivo da educa o vai além da mera transmissão da cultura acumulada há séculos pela humanidade. Nosso compromisso   educar as pessoas para exercerem uma cidadania responsável, e prepará-las para participarem significativamente do progresso dessa cultura. Nesse sentido, no que diz respeito aos componentes curriculares,

“Cremos que cada disciplina acad mica, se for honesta consigo mesma, tem consciência de que os valores que transmite dependem do ideal da pessoa e da sociedade que lhe servem de ponto de partida.” (2015, p. 213)

No segundo documento citado, na parte 2 ‘A realidade do mundo’, reflete-se também sobre o contexto atual, a realidade sociopolítica, a educa o e seus avanços, conflitos e desafios, as mudanças na Igreja Católica e na Companhia de Jesus. Ao citar o

⁹ A cita o do documento ‘Pedagogia Inaciana: uma proposta prática’ encontra-se na reedi o dos documentos da Companhia de Jesus intitulada ‘Educa o Jesuíta e Pedagogia Inaciana, elaborada por Pe. Luiz Fernando Klein, SJ, em 2015.

Congresso Mundial *Educar Hoje e Amanhã*¹⁰, afirma-se que a educação católica propõe (2019, p. 50)

- I. Educar a pessoa integralmente; dedicar-se à formação e não apenas à informação;
- II. Ser respeitosa e aberta aos outros em um mundo multicultural e multirreligioso;
- III. Criar uma comunidade acolhedora para os jovens e as famílias;
- IV. Ser acessível a todos, especialmente àqueles de famílias com poucos recursos financeiros;
- V. Focar-se no transcendente: o mistério e a maravilha de Deus.

Também Pacheco (2019) afirma que *“o que caracteriza uma inovação educacional é essencialmente a de garantir a todos o direito à educação”*. (2019, p. 51). Essa afirmação está respaldada e fortalecida com o que se apresenta já no prólogo do documento da CPAL¹¹ ‘A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade’ (2019).

Pe. Roberto Jaramillo, SJ, Presidente da CPAL à época, nos fala que:

“Não basta, então, oferecer ao mundo instituições onde a educação dê provas de qualidade. É necessário que essa educação de qualidade seja estabelecida e efetivamente desfrutada como um direito universal - isto é, de todos e de todas - porque é um direito básico e fundamental no qual todos os outros direitos se baseiam.”(2019, p. 8)

Nesse sentido, e a partir da concepção e do compromisso com os sujeitos históricos do aqui e agora, os gestores e educadores precisam sempre se questionar sobre o que ensinar para esses sujeitos, como buscar as melhores estratégias de aprendizagem

¹⁰World Congress *‘Educating Today and Tomorrow. A renewing passion.’* 2015

¹¹ Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe - CPAL

para a apreensão da realidade destes, como garantir a qualidade e equidade no processo educacional. (SILVA, 2020).

Coutinho(2022)trazafunçãosocialdainovação,considerando-a como a resolução de problemas reais, de aplicação social do conhecimento, e de ressignificação de conceitos rompendo dicotomias e superando a afirmação de que a teoria precede a prática.

Inovar demanda reconstruir formas de pensar e agir para além da normalidade ou tradição, permitir-se as incertezas, as dúvidas e as inquietações. A inovação pedagógica vem para comprometer a solidez, em uma busca do entendimento do que ainda não é sabido, ampliar e aproximar os diferentes pontos de vista (LEITE; GENRO; BRAGA, 2011), na construção do conhecimento de modo coletivo, relacionado ao contexto, às questões sociais, culturais e de diversidade.(COUTINHO,2022).

De acordo com Harari (2018), as narrativas da modernidade estão se desfazendo – Estado e democracia liberal –, e não temos nenhuma narrativa para substituí-las. No que tange à educação, ele questiona:

Como podemos nos preparar e a nossos filhos para um mundo repleto de transformações sem precedentes e de incertezas tão radicais? Um bebê nascido hoje terá trinta anos por volta de 2050 (...) e poderá ser um cidadão ativo no século XXII. O que deveríamos ensinar a esse bebê que o ajude, ou a ajude, a sobreviver e progredir no mundo de 2050 ou no século XXII? De que tipo de habilidades ele ou ela vai precisar para conseguir um emprego, compreender o que está acontecendo a sua volta e percorrer o labirinto da vida?(2018, p. 319)

Sem a pretensão de discorrer sobre a história da educação, mas lembrando aspectos que ajudam a entender o momento presente, importa trazer alguns movimentos sociais que impactaram os modelos escolares desde sua implantação no século XVIII, com o surgimento do movimento iluminista, com a valorização do pensamento científico e da razão, e da liberdade política e religiosa.

Já o século XIX, concebido como o século da pedagogia, vê surgir novas ideias pedagógicas em meio a um momento emblemático de lutas de classes que envolveu a sociedade, a cultura, a economia e a política vivenciadas com e na revolução industrial. A educação e a escola desse período serviram aos imperativos do momento, mas se mostram obsoletas para o século XXI, mesmo com as ricas contribuições de pensadores daquela época e do século seguinte.

As transformações do século XIX e XX possibilitaram o surgimento de modelos pedagógicos diversos cujos teóricos como Johann Heinrich Pestalozzi, Friedrich Froebel, Jean-Ovide Decroly, John Dewey, Lev Vygotsky, Maria Montessori, Paulo Freire dentre outros, iluminaram o pensamento pedagógico até os dias atuais, imbuídos, já naquela época, de um ideal de liberdade, de busca pelo conhecimento que se fundamentam no mundo real, no mundo da experiência, propondo um modelo de escola que se realiza através da coletividade.

Com o avanço exponencial da tecnologia e dos meios de comunicação, principalmente no século XX, com o livre acesso à informação e ao conhecimento como realidades no cotidiano dos indivíduos, além da sua expansão e celeridade, nos vemos instigados a repensar seriamente o modelo atual com o qual educamos nossas crianças e jovens, e com a própria organização escolar.

Pensar na evolução do pensamento educacional nos últimos séculos até os dias atuais instiga a questionar o porquê de tão poucos avanços e real inovação pedagógica nas instituições educativas, principalmente em nosso país, a despeito da vasta teoria a esse respeito.

Nesse sentido, Marc Prensky nos traz uma reflexão a respeito de sistemas educacionais, do passado e outro que objetiva construir um mundo melhor.

De um lado, o sistema acadêmico do passado, que atualmente domina o mundo, mas que muitos reconhecem que está se

tornando cada vez menos eficaz e aplicável ao futuro. De outro, a nova educação alternativa emergente, na qual as crianças e os jovens são mais respeitados e dignos de confiança e são educados por meio de ações e realizações de projetos reais que tornam o mundo um lugar melhor - aprimorando a si mesmos no processo. (PRENSKY, 2021, p. 175)

Também o educador David Díaz ressalta a urgência da mudança numa perspectiva mais ampla. Para ele,

El cambio educativo es obligatorio, urgente. No tenemos margen para prepararlo y planificarlo con calma; en realidad, ya está aquí. Pero no basta con innovación tecnológica o metodológica, no basta con renovar o colorear el aula. Es una reforma integral, cultural y pedagógica. Es un cambio actitudinal. (DÍAZ, 2017, p. 43)

Constata-se, dessa forma, a partir dos referenciais apresentados, que a educação tradicionalmente ofertada a nossas crianças e jovens não mais responde aos desafios da sociedade contemporânea nem às possibilidades inimagináveis do mundo futuro. Eles precisam de uma educação cujos objetivos não somente os capacitem a melhorar a si mesmos, mas a melhorar o mundo em que vivem.

Nesse sentido, Díaz (2017) nos provoca:

Cambiar el mundo en beneficio de todos, aportar soluciones para los retos que enfrentamos como sociedad requiere ser muy inteligentes. Requiere un enorme esfuerzo y disciplina. Requiere excelencia, conocimiento y sabiduría. ¿Alguien dudaba de que podemos transformar el mundo sin todo esto? A mejorar el mundo se aprende practicando. (DÍAZ, 2017, p. 215)

Inovar em educação significa, a partir das referências apresentadas, construir um mundo melhor, mais justo, mais solidário, mais sustentável, prover os estudantes com os instrumentos necessários para compreender o mundo no qual estão inseridos e serem capazes de associar-se com pessoas e instituições para transformá-lo. Todas as instâncias do universo escolar, assim como

todos os procedimentos, planos e decisões precisam ser entendidos como meios para o atingimento desse objetivo.

Aprofundando e fundamentando o objetivo de inovarmos em uma instituição educativa da Companhia de Jesus, o documento 'Características da Educação da Companhia de Jesus' apresenta três importantes argumentos.

O primeiro diz respeito à concepção de ser humano, obra prima da criação, lugar onde Deus especialmente se revela e, por tal e especial razão, merece o apoio para desenvolver todos os seus talentos.

Nesse sentido, a inovação ganha profundidade relativa à dimensão espiritual-religiosa do currículo, pois constata que

“Deus é especialmente revelado no mistério da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus. A educação jesuíta, portanto, investiga a significação da vida humana e se preocupa com a formação integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus. O objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana.”(2015, p. 52, n. 25)

O segundo argumento aponta para a inovação e a consciência de que as pessoas e as estruturas não estão cristalizadas, podem e devem mudar, “juntamente com um compromisso de trabalhar por essas mudanças, de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da liberdade unido a uma maior dignidade humana para todos.” (2015, p. 62, n. 58)

E, por último, o terceiro argumento fala da necessária adaptação dos meios para o atingimento das finalidades da educação da Companhia de Jesus. Afirma que a comunidade educativa “estuda as necessidades da sociedade atual, refletindo sobre as linhas de ação da escola, as estruturas, os métodos, a pedagogia e todos os demais elementos do ambiente escolar, para encontrar os meios

que melhor realizem as finalidades do colégio e implementar a sua filosofia educacional.” (2015, p. 87, n. 145)

Daí a importância da inovação, da mudança, para o contexto educacional atual, notadamente nos centros educativos da Companhia de Jesus, voltada especialmente para as crianças e os jovens de hoje e amanhã, e, da mesma forma, para os educadores que com eles construirão um mundo melhor, atores apresentados no próximo capítulo.

PARA IR ALÉM:

1. Após a leitura desse capítulo, encontre um momento afastado de sua rotina e reflita: a maioria das instituições educativas de forma geral contribuem, de fato, para transformar e melhorar o mundo em que vivemos? Por quê? Depois leve suas reflexões para discutir com colegas.
2. E em sua escola ou colégio, qual a sua percepção e/ou entendimento?
3. Como você se sente em relação à motivação para inovar em sua unidade educativa? Ela é necessária? Por quê? Quais as condições de possibilidade?
4. Junto à sua equipe, reflita sobre as reais necessidades da e para a inovação. Há outras razões para inovar? Há resistências ou impedimentos? Descreva-os.

IV. QUEM E PARA QUEM INOVAR? OS ATORES DA INOVAÇÃO

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos. (MACHADO DE ASSIS 'O Conto de Escola')

Em 'O Conto de Escola', Machado de Assis, narra a história de um menino de 11 anos em uma escola de 1840. O contraponto que se lê nesse trecho do conto está entre o espaço da escola e a vida lá fora. Escola como local de aprisionamento e medo, o mundo lá de fora simbolizando a vida e a liberdade.

Há muito tempo que essa realidade já não se mostra tão aterradora. Contudo, é importante questionar até que ponto muito dessa realidade ainda subsiste em nossos colégios e escolas. Prédios que já foram comparados a presídios e hospitais, assépticos e impessoais, com grandes corredores enfileirados por salas iguais, com carteiras também enfileiradas em frente a uma grande mesa que, em muitos lugares, está sobre um tablado, destinado ao professor.

O que mudou? Certamente hoje o ambiente escolar é mais acolhedor e as relações se dão de forma mais amigável, entre os estudantes e entre eles e seus professores. Todavia, a organização escolar em seus processos e procedimentos ainda demonstram inadequação diante da realidade do mundo atual. (Machado de Assis 'O conto de Escola').

Segundo Pacheco (2019, p. 85) "*escolas são pessoas*", e elas precisam ser consideradas anteriormente às decisões relativas aos planos, reformas, atualizações e projetos de inovação.

As reflexões, decisões e propostas educacionais de inovação precisam considerar quem são os atores do processo educativo, em sua condição histórica e imanente, para não se cair nas armadilhas da idealização dos sujeitos que queremos formar. Como diz Pacheco, é preciso assumir que "*as escolas são pessoas que agem em espaços públicos, nós de redes comunitárias, incubadoras de projetos de desenvolvimento local sustentável, devolvendo as escolas às comunidades, na partilha da responsabilidade de educar*". (PACHECO, 2020, p. 85).

Portanto, desde a implantação das inovações, é fundamental promover a participação ativa e efetiva de todos os atores, considerando seus saberes, suas experiências, suas múltiplas inteligências e formas de apreender e lidar com a realidade.

Para Sancho-Gil (2018, p. 16), nesse processo de implantação de inovação,

a primeira e mais pertinente questão é perguntar quem são os professores e os estudantes", pois para essa pesquisadora, "tanto um grupo quanto outro estão mudando ao longo do tempo e, num processo contínuo de transformação, é fundamental perguntar seus conhecimentos, expectativas, predisposições, formas de aprender, necessidades de treinamento etc. (SANCHO-GIL, 2018, p. 16)

Também Veiga (2003), ao ressaltar que "*a inovação é produto da reflexão da realidade interna da instituição referenciada a um contexto social mais amplo*", constata que essa dinâmica se concretiza e deriva das necessidades que se apresentam no cotidiano da escola, podendo modificar-se ou transformar-se de acordo com o que é vivenciado e do interesse concreto dos educadores e estudantes envolvidos, ou seja, dos atores educacionais.

A constituição de novas concepções de ensino e de aprendizagem abre possibilidades para o protagonismo estudantil na medida em que considera as conexões entre os conhecimentos voltados ao desenvolvimento pessoal, intercultural, socioemocional e humano-espiritual do aluno, em suas múltiplas possibilidades.

Segundo o documento da UNESCO 'Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação' (2022), a educação é um bem comum. Coloca pessoas em contato umas com as outras e com o mundo. Nas instituições de ensino, professores, educadores e estudantes se reúnem em uma atividade compartilhada, que é tanto individual como coletiva. A educação permite que as pessoas usem e acrescentem conhecimentos ao patrimônio intelectual da humanidade. Como ato coletivo de criação conjunta, a educação afirma a dignidade e a capacidade de indivíduos e comunidades, constrói propósitos compartilhados, desenvolve capacidades de ação coletiva e fortalece nossa humanidade comum. Portanto, é essencial que as instituições de ensino incluam uma diversidade de estudantes, na maior extensão possível, para que eles possam aprender uns com os outros, para além das diferenças. (UNESCO, 2022, p. 11).

A Pedagogia Inaciana, iluminada pela Espiritualidade Inaciana, apresenta a estreita relação entre o educador, o estudante e a verdade ou conhecimento. Nessa mesma linha de raciocínio e sabedores de que a pedagogia é relacional, constatamos que é nessa relação transformadora que se dá o encontro pedagógico, pois educadores e educandos aprendem uns com os outros. Também o documento da UNESCO de 2022 corrobora com essa visão, afirmando que "*estudantes, professores e conhecimento formam o clássico triângulo pedagógico*" (UNESCO, 2022, p. 49). Juntos, eles formam uma comunidade de aprendizagem na qual constroem o conhecimento e contribuem para o bem comum.

Nesse sentido, a educação está centrada na relação, não em um ator específico, e, segundo Pacheco (2019), mediatizada pelo conhecimento, a aprendizagem se dá na intersubjetividade dos sujeitos.

É nessa relação humanizadora que um novo contrato social é possível. E não há tecnologia que a substitua. O ensino e a aprendizagem acontecem numa relação de colaboração, respeito e empatia, e é nessa relação que o professor "*escancara para os alunos as portas do mundo, com os problemas existentes nele, os conhecimentos e recursos de que ele dispõe e suas possibilidades de mudança.*" (PRENSKY, 2021, p. 185).

Especificando o campo de análise, importante retomar o conto de Machado de Assis, e refletir sobre quem é esse menino. Quem são os "*outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano*" ironicamente apresentados pelo grande romancista? Embora saibamos que infância e juventude são construções que variam de acordo com parâmetros históricos, econômicos, geográficos e culturais, pergunta-se quais as semelhanças e diferenças dos meninos e das meninas que hoje transitam por nossos colégios e escolas? Seus anseios, sonhos e expectativas.

Na relação com seus professores e com o saber, ou seja, no encontro pedagógico na perspectiva inaciana, assim como com a própria estrutura educacional que ainda subsiste em nossas escolas, quantos de nossos alunos e alunas se aproximam desses meninos presentes no conto. Como torná-los criativamente protagonistas de sua trajetória escolar, senhores de sua aprendizagem, autônomos, competentes, conscientes, criativos, compassivos e comprometidos?

Segundo Loureiro (2004), os estudantes constituem-se nos principais sujeitos da vida educacional e representam

não somente a própria vida da escola, preenchendo seus espaços através do trabalho cotidiano, através de suas formas de falar, de agir e de se relacionar, mas também trazem para a escola a realidade que vivem em seus grupos familiares, transmitindo seus valores, suas crenças, seus modos de viver, ou seja, sua cultura. (2004, p. 46)

Nessa perspectiva, sabemos que a educação primeira é responsabilidade da família, que transmite, através de seus filhos e filhas, essa diversidade de valores e crenças. Contudo, hoje, a complementariedade que cabe à escola no que tange à formação dessas crianças e jovens se alargou apresentando novos desafios e exigindo dos educadores conhecimentos muito além dos anteriormente exigidos em sua prática docente.

A criança e o adolescente, com as especificidades de cada faixa etária, são compreendidos também a partir da relação que estabelecem com os adultos no contexto da sociedade em que estão inseridos e, principalmente, no universo escolar. O processo de construção da identidade e da autonomia dependem dessas interações, dos vínculos que se estabelecem nesse ambiente. E a aprendizagem será influenciada pela qualidade dessas relações.

A própria Base Nacional Comum Curricular - BNCC, importante referencial legislativo curricular no Brasil, também considera que a participação ativa do estudante é um princípio que prevê:

(...) visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem, a fim de promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Considerando a relevância de serem estabelecidos processos educativos que incluam as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir
(BNCC, 2017, p. 14).

Nessa linha de raciocínio, o pesquisador Phillips (2014) argumenta que

a aprendizagem é um fenômeno que envolve pessoas reais vivendo em contextos sociais reais e complexos dos quais não podem ser abstraídos de forma significativa. [...] os aprendizes são contextualizados. Pertencem a um gênero, têm uma orientação sexual, um nível socioeconômico, são parte de um

grupo étnico, de uma cultura de origem; ter interesses – e coisas que os aborrecem; pode ou não haver café da manhã; e moram em bairros com ou sem violência armada ou terremotos, eles são atraídos (ou enfrentam com) a personalidade de seus professores. (PHILLIPS, 2014, p.10).

Ao romper com o paradigma da transmissão e da recepção de conhecimentos de forma passiva e idealizada, a inovação se consolida pela valorização das realidades e especificidades culturais, sociais, econômicas e territoriais dos estudantes e das comunidades nas quais estão inseridos. Compreender sua dimensão subjetiva e plural é fator potencial de inovação pedagógica. Significa reconhecer o protagonismo de todos os atores no processo de ensino e aprendizagem, bem como a necessidade de currículos que dialoguem com as diversidades e as subjetividades em desenvolvimento.

No que diz respeito especificamente às crianças e jovens de hoje, a educação dos dias atuais não atende mais às suas expectativas e necessidades, nem as do mundo. Para Prensky (2021), "*precisamos de um novo modelo de educação que liberte o potencial dessas 'mentes amplificadas e conectadas em rede', sem aprisioná-las nos círculos viciosos da competição acadêmica que muitas vezes encontramos nas escolas*". (2021, p. 43).

A metáfora trazida por esse autor (2021) compara as crianças e os jovens a foguetes que chegarão aonde nenhum de nós é capaz de imaginar. E ele nos adverte sobre quais conhecimentos, competências e habilidades serão necessários para esse mundo desconhecido, e qual a função do educador. Para ele,

Queremos que as crianças e os jovens, como foguetes, corajosamente cheguem aonde ninguém nunca foi. Surpreendentemente, para que isso aconteça, as mudanças mais importantes exigidas dos educadores não são tecnológicas, mas conceituais – pensar em si mesmos não como guardiães do passado, mas como cientistas espaciais guiando seus 'foguetes' vivos, como parceiros, em direção ao

futuro. Ninguém defende a ideia de jogar fora o passado – eu com certeza não defendo. Mas, a menos que comecemos a preparar as crianças e os jovens para voar muito longe e pousar em segurança, não faremos muito bem a eles. Se não passarmos logo a colocar novas cargas úteis e combustíveis diferentes nos foguetes sob nossa responsabilidade, então (mais uma vez metaforicamente) os alunos jamais sairão do chão. É hora de dar às crianças e aos jovens a educação que eles merecem.”(PRENSKY, 2021, p. 233)

No que tange aos educadores, José Pacheco é categórico. *“Educação não é para amadores!”* (2019, p. 94). Essa frase nos faz refletir sobre a complexidade e responsabilidade envolvidas no ato de educar. São os educadores que conhecem os meandros dessa complexidade, pois nela vivem cotidianamente. São eles que desempenham o papel fundamental na formação de crianças e jovens, trabalhando com habilidades e competências, valores e perspectivas que ajudarão os estudantes a enfrentarem e resolverem os conflitos individuais e coletivos na busca da construção de um mundo melhor e mais sustentável, implicadas nas relações humanas. No entanto, será que a escola está possibilitando hoje esse cenário? Será que essa preocupação com a educação é percebida em todos os chãos das escolas? Será que não é o momento de estudar o contexto que estamos vivendo, refletir e agir em direção a uma proposta mais inovadora e inspiradora?

Esse é um aspecto fundamental para a promoção de uma educação como bem comum, uma escola como espaço de igualdade no acesso ao conhecimento, um espaço a ser compartilhado e construído sob *“a crença que não existe uma ordem natural de proprietários privilegiados; de que somos iguais; de que o mundo pertence a todos, e portanto, a ninguém em particular; de que a escola é uma aventureira terra de ninguém, onde todos podem se elevar acima de si mesmos”*(MASSSCHELEIN;SIMONS,2014,p.167-168).

Essa concepção demanda dos educadores a reconfiguração do próprio saber e proceder, e da gestão das relações sociais com os estudantes e a comunidade educativa. É preciso fazer escolhas

envolvendo o contexto, a experiência e o território do ensino. Inovar é, portanto, superar a homogeneização, tendo em mente que os educadores, segundo o filósofo Sêneca, não estão instruindo um intelecto, mas formando uma alma.

Segundo Prensky,

À medida que os professores começarem a alterar suas práticas, estarão na companhia da maioria dos outros profissionais do mundo. Todas as profissões e carreiras vêm passado por profundas adaptações ao novo mundo e seu contexto. (PRENSKY, 2021, p. 171)

Quanto ao papel do professor no processo de inovação pedagógica, também Imbernón (2011, p. 24) ressalta que o

professor ou professora não deveria ser um técnico que desenvolve ou implementa inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir e em seu próprio contexto, em seu processo dinâmico e flexível.

A inovação só será significativa, potencial, verdadeiramente sustentável e adequada ao projeto educacional de uma instituição se for discernida, planejada e construída com e a partir da mobilização, implicação, participação e envolvimento de todos os educadores. É necessário o pensar e agir juntos e de forma colaborativa, considerando os princípios constitutivos do *ethos* educacional em que estão inseridos.

Também para Díaz, "*un docente es una persona experta en aprendizaje, en acompañar y conseguir que otras personas aprendan. Pero también es una persona que aprende toda la vida*" (DÍAZ, 2017, p. 73) E que "*educar significa creer en las capacidades del ser humano de mejorarse a sí mismo, teniendo en cuenta que cada alumno o alumna es un universo diferente, con sus potencialidades y dificultades, que requiere un aprendizaje personalizado*." (DÍAZ, 2017, p. 74)

Nesse sentido, a inovação constitui-se de um processo de transformação significativo, sustentável e comprometido com a construção de um mundo que, embora não imaginemos, possa ser melhor, mais justo, mais humano, mais fraterno. Só faz sentido se, necessariamente, promover a equidade social, mobilizada pela realidade dos atores envolvidos, considerando os seus saberes, experiências e interesses.

Pensar nos beneficiários da inovação nos leva a eleger primeiramente os estudantes, razão de existência de um centro educativo. Contudo, a inovação e seus movimentos beneficiam toda a comunidade educativa tornando a escola um centro irradiador de inovação, uma irradiação apostólica, uma cidade educativa inovadora que transcende seus muros e impacta positivamente a sociedade em que está inserida.

Nessa perspectiva, Papa Francisco, ao referir-se ao provérbio africano *"para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira"*, nos fala da necessidade de união de diversas forças da sociedade para a educação. Em suas palavras, na mensagem de lançamento do documento, ele afirma que:

"Numa aldeia assim, é mais fácil encontrar a convergência global para uma educação que saiba fazer-se portadora duma aliança entre todos os componentes da pessoa: entre o estudo e a vida; entre as gerações; entre os professores, os alunos, as famílias e a sociedade civil, com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, desportivas, políticas, empresariais e solidárias."

Dessa forma, e considerando as reflexões dos pesquisadores citados, as decisões e configurações dos tempos, dos espaços e dos conhecimentos constitutivos das propostas inovadoras necessitam, então, focar principalmente nos atores e promotores desse processo, em sua diversidade social e intercultural.

Por outro lado, não se pode desconsiderar o compromisso com a formação científica e cultural, por meio dos conhecimentos

escolares histórica e culturalmente constituídos. E é desse conhecimento que trata o capítulo a seguir.

PARA IR ALÉM:

1. Tome distância e 'olhe' os estudantes de sua Unidade. Quem são eles? Nas salas de aula em suas diversas configurações, nos recreios, nos corredores, nos diversos espaços de aprendizagem. Descreva-os brevemente. Converse com sua equipe sobre as características dos estudantes de hoje, partilhe o que você elencou.
2. Que procedimentos adotados em sua Unidade correspondem a essas características? Quais não correspondem? Como mudar?
3. E os educadores? Como você se sente e se vê hoje? Troque essas impressões com os demais que exercem a mesma função que você.
4. Quais diferenças daqueles de sua época de estudante para os de hoje, incluindo você? Quais as diferenças na formação inicial e continuada? Quais são os espaços de autonomia?
5. Que tal recolher o parecer de um ou mais alunos? E de professores sobre as questões levantadas nesse capítulo?

V. O QUE ENSINAR E APRENDER? O CONHECIMENTO ESCOLAR

“Pero ¿qué aprendemos realmente? ¿Qué no aprendemos? ¿Qué deberíamos aprender y cómo? ¿Para qué nos sirve, individual o colectivamente? ¿En qué se transforma?” (DÍAZ, 2017, p. 32).

Os questionamentos do educador espanhol David Díaz nos impelem a refletir sobre o que realmente importa ser aprendido hoje na escola em termos de conhecimentos, competências e habilidades, qual seu sentido e possibilidades de transformação social.

É fundamental ensinar os jovens a aprenderem que a inovação se constitui por meio da curiosidade, de novas ideias e da problematização que busca respostas e soluções criativas para os desafios da vida. Precisamos ensinar os jovens a: I. analisar informações, avaliar diferentes posicionamentos e tomar decisões acerca da realidade; II. ensinar a pesquisa interdisciplinar e a colaboração entre pessoas de diversas áreas do conhecimento; III. integrar a tecnologia no processo de resolução de problemas e de soluções inovadoras; IV. estimular a criatividade por meio da arte, da música, da dança, da escrita, entre as muitas linguagens possíveis; V. ensinar a aprender com o erro a partir da autoanálise; VI. ensinar a aprender a partir da indagação, da construção de sentidos e da criação; VII ensinar a elaborar um Projeto de Vida.

De acordo com o 1º Identificador Global dos colégios jesuítas presente no documento 'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento', destaca-se a necessidade de ensinar aos nossos estudantes, como finalidade de um centro educativo da Companhia de Jesus, a reconhecer, a contemplar e a louvar a Deus, presente e atuante em todas as pessoas e em todo o mundo criado.

Entende-se que a relação entre inovação, criatividade e criticidade possibilita que nossos estudantes aprendam a viver a inovação e a inovar simultaneamente, a problematizar e a resolver problemas a partir da realidade vivida.

Quanto ao conhecimento desenvolvido, no âmbito da inovação curricular, é preciso promovê-lo a partir de uma abordagem inter e/ou transdisciplinar, com espaços para o socioemocional e as subjetividades, de forma a afetar, de maneira articulada, todos os aspectos do desenvolvimento da pessoa. Além disso, o conteúdo necessita mostrar-se relevante para os sujeitos da aprendizagem, explorando vivências de interculturalidade crítica e democrática. Importa, pois, desenvolver, por meio de mais perguntas que respostas, um pensamento reflexivo e crítico para a interpretação, compreensão e transformação da realidade social, valorizando sempre as experiências pessoais.

Lomonaco e Silva (2013) contribuem para pensarmos a importância de uma inovação significativa a partir de articulações entre os saberes aprendidos nas escolas e o universo cultural dos estudantes. Para isso, é necessário repensar metodologias, tempos e espaços, de forma que os estudantes se sintam sempre desafiados a novas possibilidades de aprendizagem. É fundamental também envolver toda a comunidade escolar nas discussões e decisões sobre a formação integral e utilizar tecnologias educacionais que façam sentido para as aprendizagens significativas, mantendo a atenção nas demandas do mundo cotidiano.

Díaz (2017) adverte que

Es un nuevo paradigma, dar el mismo valor al aprendizaje de la lectoescritura o las matemáticas básicas que a la adquisición de competencias y voluntad de mejorar el mundo. Es más, las primeras no solo tienen sentido sin lo segundo. Lo que aprendemos, lo que sabemos solo tiene sentido cuando lo aplicamos para el bien común. De lo contrario, la educación habrá fallado. (DÍAZ, 2017, p. 214)

Se a escola é concebida como espaço privilegiado de conquista do conhecimento e de desenvolvimento de capacidades humanas, contribuindo para a igualdade social, à medida que se reduz a diferença na qualidade da escolarização, assim como os tempos e espaços, os conhecimentos precisam estar alinhados com esse ideal. E, se estamos tratando da educação para a emancipação, é preciso pensar em currículos que proponham experiências e aprendizados com reflexão crítica, buscando conhecimentos que contribuam para práticas sociais que favoreçam "*compreender e problematizar as determinações históricas do trabalho, e da produção da vida em sociedade, imaginar outras possibilidades, ampliar a possibilidade de inserção crítica no contexto social.*" (GALIAN; SAMPAIO, 2012). Nessa mesma linha, Marins afirma que

Educar para a emancipação exige uma nova concepção de educação, pautada no desenvolvimento da consciência crítica e da subjetividade. Nesse sentido, a escola deve trabalhar em favor do desenvolvimento do homem e da sua humanização, capacitando-o para a reflexão e para a ação libertadora diante das situações de opressão [...] E fará isso na medida em que for capaz de promover a reflexão e o domínio do conhecimento em favor da emancipação, contra qualquer tipo de barbárie
(MARINS, 2019, P. 51-52).

Acrescente-se a isso a necessidade de os currículos estarem historicamente comprometidos com as demandas culturais do tempo presente, interpelando toda a comunidade educativa para ressignificá-los sistematicamente, por meio de um diálogo entre os conhecimentos tradicionais e a cultura, as novas tecnologias, as competências sociais e toda a diversidade de aprendizagens possíveis no mundo contemporâneo. É fundamental essa revisitação para dar conta de educar uma geração que nasceu na era da informação, da tecnologia e da velocidade. Como esclarecem Lomonaco e Silva (2013, p. 22), "*pensar um novo currículo significa vislumbrar outras maneiras pelas quais a ação educativa possa ser efetivada.*"

Nesse sentido, é importante compreender que, atentos à possibilidade de reificação do currículo tradicional, não existe um currículo neutro e imparcial, nem tampouco um conhecimento escolar absoluto. Segundo Lopes, (1999), é necessário considerar

os aspectos epistemológicos e sociológicos associados ao problema educacional de uma forma mais ampla. Trazer para a reflexão do campo educacional as análises da epistemologia histórica, uma epistemologia capaz de não limitar a compreensão do conhecimento: seja por considerá-lo como produto absoluto, acabado, atemporal e anistórico, seja por recair em uma perspectiva relativista, que não admite a existência de saberes mais favoráveis do que outros em dado contexto objetivo. (LOPES, 1999, p. 17)

Vale reiterar que a articulação e a integração dos aspectos constitutivos de uma proposta de educação integral precisam considerar a participação de todos os atores envolvidos no processo pedagógico. Beane (2017, p. 1054) observa que, em um projeto educacional para a democracia, "o princípio da dignidade humana exige que as pessoas possam ter voz nas decisões que as afetam e que sua voz seja considerada."

O documento da UNESCO (2022) aponta para uma nova relação entre a educação e os conhecimentos, e entre as capacidades e os valores que ela cultiva. E é essa relação que permite aos estudantes construir um mundo pacífico, justo e sustentável.

Nessa perspectiva de construção de um outro mundo, o documento afirma que

os currículos devem permitir reaprender como estamos interconectados com um planeta vivo e prejudicado e desaprender a arrogância humana que resultou na perda maciça da biodiversidade, na destruição de ecossistemas inteiros e na mudança climática irreversível. (UNESCO, 2022, p. 64)

Para a consecução de um currículo que cumpra com as intencionalidades até aqui expostas, importa que reflitamos sobre sua extensão. Segundo Bertoche (2023), educar “*não é meramente instruir a partir de um currículo extenso; educar é preparar o caminho para a reconstrução de toda a civilização em cada ser humano*” (2023, p. 20).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, e na concepção de construção de um modelo de educação para melhorar o mundo, Marc Prensky pergunta “*o que acontecerá com a enorme quantidade de ‘conteúdos’ das disciplinas de hoje? Tudo isso é necessário?*” (PRENSKY, 2021, p. 130).

Estamos apagando a chama ou acendendo a curiosidade? Também Pacheco (2021) nos provoca, ao argumentar sobre um currículo esmagador com conteúdos que não fazem o menor sentido no contexto atual, e quem dirá no futuro. Conteúdos decorados e validados em provas que indicam o quanto o aluno “sabe sobre o assunto”. Assuntos que logo são esquecidos porque não tiveram relevância, não foram postos a reflexões e interligações com outros assuntos. Urge a necessidade de uma reorganização curricular, repensar espaços e tempos de aprender, assim como nossas práticas avaliativas.

Para esse educador, o currículo é muito mais do que impor a abordagem de um determinado repertório de conteúdo. Os gestores e educadores precisam repensar e indagar: será que todos esses conteúdos são pertinentes para os jovens de hoje em dia? Será que não “perdemos tempo” nos debruçando em conteúdos arcaicos, fórmulas e teorias que são esquecidas no término da mesma etapa de ensino? Por que não abrir espaço para um planejamento mais integrador, evidenciando a resolução de problemas reais, “empoderando” crianças e jovens para espaços de convivência reflexiva e na construção de projetos a fim de melhorar o mundo a sua volta? Quantos sonhos de jovens são privados diante desse currículo conteudista e inflexível? Por que ainda percebemos a hegemonia de algumas disciplinas em detrimento de outras?

Ainda quanto ao conhecimento presente no currículo escolar, destacam-se, como ponto de partida, a leitura e a escrita na formação do pensamento livre dos estudantes na perspectiva de uma formação para a cidadania. Segundo Bertoche (2023), a linguagem não é simplesmente uma ferramenta, ela é a própria condição para que se possa pensar. Para ele, é na linguagem que pensamos o mundo. E o atual currículo não cumpre a função de educar, principalmente por sua extensão, não sobrando tempo para o que é essencial no processo de escolarização: a leitura, a interpretação, a escrita, o debate, que constituem a base de todo o progresso escolar e acadêmico.

Para esse filósofo,

Infelizmente a nossa competência hermenêutica decai geração a geração – até o ponto em que muitos jovens de nosso tempo se revelam simplesmente incapazes de perceber o domínio do discurso indireto, simbólico, plurívoco. A perda da competência hermenêutica é desastrosa: quem não lê bem não consegue raciocinar logicamente, não percebe os pressupostos ocultos dos argumentos, não se protege intelectualmente contra chavões políticos. Isto é, o mau leitor tem seus afetos sequestrados pela propaganda, as suas opiniões direcionadas pela mídia, as suas emoções incendiadas por palavras de ordem. (BERTOCHE, 2023, p. 24)

Nesse sentido, a literatura, a boa literatura, amadurece a existência. Da mesma forma, o documento da UNESCO (2022) ressalta que

O conhecimento oral e escrito desempenhou um papel inegável na história humana; em particular, a escrita como tecnologia do conhecimento humano permitiu que os textos em sentido amplo circulassem e viajassem, ampliando as possibilidades de acumulação e codificando a experiência humana nas mais diversas culturas. Esse conhecimento não deve ser perdido para as gerações futuras.” (UNESCO, 2022, p.

67). E alfabetização, numeramento e investigação científica, por exemplo, são fundamentais para permitir que as pessoas compreendam e contribuam para seu mundo e devem ser ampliadas e aprofundadas em todos os lugares.”
(UNESCO, 2022, p. 63)

A Matemática, apresentada nesse documento acima como ‘numeramento, é também muito valorizada para o futuro da educação. Ela é *“fruto das capacidades humanas de observar padrões, classificar e organizar conjuntos, contar e medir, comparar quantidades e identificar relações entre elas. Sistemas numéricos, como o sistema decimal e o sistema binário, são fundamentais para comunicações, transações, computação e cálculos modernos.”* (UNESCO, 2022, p. 68)

No bojo dos conhecimentos a serem contemplados no currículo, a educação multilíngue também está inserida numa perspectiva de formação dos estudantes como cidadãos globais, participantes de um mundo social e culturalmente rico e diverso.

No que tange às avaliações, elas também compõem o cenário da inovação, pois vão além da simples verificação de conhecimentos. Como processo de aprendizagem, elas necessitam passar a acontecer de forma contínua, oferecendo devolutivas individualizadas aos estudantes, oportunizando reflexões sobre o seu próprio desempenho, identificando pontos fortes e que ainda estão em desenvolvimento. A personalização também traz sua contribuição respeitando as características e necessidades únicas e permitindo adaptações ao ritmo e interesses individuais dos estudantes.

Pacheco (2019) nos indaga sobre uma pseudoavaliação inspirada em um modelo epistemológico falido, que age como instrumento que ele denominou darwinismo social. E ele questiona: *“Quantos conformistas são produzidos nas ‘boas escolas’, que vão ocupar as cadeiras do poder, incapazes de uma postura humanista e inovadora?”* (PACHECO, 2019, p. 95)

Também o documento da UNESCO (2022) nos interpela

Quando considerados à luz das pedagogias da cooperação e da solidariedade, os educadores devem identificar de forma clara os objetivos pedagógicos que se prestam à medição e aqueles que não se prestam. Muitas aprendizagens importantes não podem ser medidas ou quantificadas. Dizer que algo não possa ser quantificado, no entanto, não significa que um progresso significativo não possa ser observado de forma alguma. (UNESCO, 2022, p. 53).

Nesse sentido, cabe perguntar que modelo de avaliação corresponde aos objetivos e princípios educativos constantes em nossos projetos pedagógicos. E qual ou quais se coadunam com o que dispõem os documentos da educação da Companhia de Jesus na perspectiva da justiça e da equidade. Pensar em modelos de avaliação justos e coerentes com esses princípios, em nada compromete nossa busca pela excelência educativa, marca da educação inaciana. Muito pelo contrário. O objetivo das avaliações, diagnósticas, processuais e significativas, concentra-se nas fortalezas e competências de nossos estudantes, não em suas debilidades. É importante lembrar que a forma como avaliamos determina nosso propósito educativo.

Nesse contexto, e a partir de uma concepção de escola participativa e comprometida com a formação integral e integradora dos atores educacionais, os conhecimentos selecionados precisam perpassar, ao mesmo tempo, o conhecimento historicamente construído e as experiências de aprendizagem dos estudantes, garantindo a igualdade do processo educativo e a diversidade humana e social.

Essa concepção de educação nos fala da necessidade de inserirmos as questões relativas à promoção da justiça em nosso currículo, como orientação central de uma educação inaciana. O documento 'Características da Educação da Companhia de Jesus' nos fala da importância "da presença da dimensão da justiça em todas as matérias lecionadas." (2015, p. 68, n. 78)

A busca pelo sentido e significado do que se ensina e se aprende em um centro educativo da Companhia de Jesus também contemplando a dimensão espiritual-religiosa, nela se enraíza, na medida em que todo o currículo, e nele todos os componentes curriculares, faz emergir um senso de admiração e mistério pela criação, de acordo com o documento 'Características da Educação da Companhia de Jesus'. Segundo o documento, "*... qualquer matéria do programa pode ser um meio para chegar a Deus, todos os professores compartilham a responsabilidade pela dimensão religiosa do centro.*" (2015, p. 54, n. 34) É necessário, então, 'inacianizar' o currículo ao contemplar questões essenciais da educação inaciana que estão presentes como desafios de nosso tempo.

Dessa forma, a matriz epistemológica e axiológica do currículo e sua correspondência necessitam formar nos estudantes uma autonomia intelectual que os capacite ao aprendizado para toda a vida e para serem agentes críticos e criativos do mundo que os aguarda.

E é no currículo que também se integram metodologias que necessitam ser mais adequadas aos estudantes de hoje e que apontem para espaços e tempos mais criativos, além do ferramental tecnológico amplamente utilizado pelas crianças e jovens, na medida em que os conectam ao mundo. E isso diz respeito a como ensinar e a como aprender para o presente e para o futuro, assunto do próximo capítulo.

PARA IR ALÉM:

1. Se você é docente, responda:
 - . Como você qualifica a matriz curricular de sua disciplina hoje?
 - . Que conteúdos e aprendizagens você apontaria como essenciais?
 - . Você seria capaz de renunciar a alguma parte para que o essencial fosse trabalhado de forma mais profunda? Se não, por quê?
2. Se você não é docente:
 - . Como você qualificaria as matrizes curriculares de sua Unidade hoje? Converse com sua equipe sobre isso a partir da leitura desse capítulo.
3. Reflitam, em grupos mistos, sobre algumas questões apresentadas no início do capítulo 'Por que inovar?'. Em que medida as matrizes curriculares de sua Unidade contemplam, mesmo que de forma transversal, esses temas: o futuro do trabalho, a biotecnologia e seus avanços e desafios éticos, o aparato digital e seus desdobramentos, a inteligência artificial e seus impactos na educação, a reengenharia da vida, a crise ecológica e socioambiental, a dimensão religiosa no processo educativo?

VI. COMO ENSINAR E APRENDER? QUESTÕES METODOLÓGICAS

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes (ALVES, 2008).

O mundo atual é caracterizado por imprevisibilidade, instabilidade e complexidade, que exige uma postura inovadora para se adaptar a novas situações e resolver problemas de forma criativa. No campo da educação, essa realidade demanda novas formas de aprender, que sejam capazes de atender a uma geração de crianças e jovens com habilidades e necessidades multifacetadas. Portanto, as abordagens pedagógicas precisam ampliar seus horizontes, pois

por mais poderosas e vitais que sejam as ideias das ciências da aprendizagem, elas não abrangem a totalidade da educação. A cognição não é a única maneira de aprendermos; conhecimento social, conhecimento incorporado, inteligência emocional e assim por diante interagem com o que pode ser entendido pela neurociência, mas não é definido apenas por ela. (UNESCO, 2022, p. 122)

Constata-se, dessa forma, que os métodos tradicionais de ensino, baseados em aulas expositivas e memorização, são inadequados para preparar os estudantes para os desafios do mundo contemporâneo. Por isso, há uma crescente tendência de

adoção de abordagens mais dinâmicas e participativas, que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, como algumas iniciativas baseadas em projetos, por exemplo, que permitem que os alunos desenvolvam habilidades de resolução de problemas, colaboração, comunicação e pensamento crítico, além de integrarem diferentes componentes curriculares de forma contextualizada, o que facilita a compreensão dos conteúdos aprendidos.

Nesse contexto, a inovação pedagógica se configura como um processo essencial para o desenvolvimento de novas abordagens na educação, melhorando significativamente a qualidade do ensino e da aprendizagem. Tais abordagens podem envolver o uso de novas tecnologias e de metodologias de ensino e materiais didáticos, bem como a criação de ambientes de aprendizagem mais dinâmicos, inclusivos e colaborativos. Essa resignificação do fazer pedagógico, com foco no desenvolvimento do estudante, é uma das principais características da inovação educacional.

Para Bertoche (2023), o "*método deve existir em função do currículo, e não o contrário. O 'o que ensinar' determina o 'como ensinar'. Métodos muito eficientes para ensinar um currículo insano não reduzem a insanidade: amplificam-na.*" (2023, p. 17)

Também Pacheco (2019, p. 101) nos lembra que "*modelos de ensinagem obsoletos se reforçam e prosperam, onde urge conceber novas construções sociais de aprendizagem, e que devemos "recriar o espaço e o tempo de aprender, fazendo uso de novas tecnologias a serviço da humanização da escola, promovendo a partilha de conhecimento e a inclusão social."* (2019, p. 101)

Para esse autor, os professores das 'escolas normais' ainda creem que, dando aula, ensinam. Promovem acumulação cognitiva, quando deveriam efetuar mediação pedagógica, cocriar roteiros de estudo e guias de pesquisa, provocar aprendizagens, sem confundir prova com avaliação, ou confundir avaliação com classificação. E não é culpa dos professores, pois a inovação inclui vários fatores e sujeitos, escolhas, decisões e coragem.

No que tange especificamente à avaliação, tema sempre controverso nos ambientes escolares, é importante lembrar que ela não se restringe às notas recebidas pelos alunos em provas e testes, mas em outras observações realizadas pelos professores em diálogo com os alunos sobre a aprendizagem e o desempenho. Avalia-se todo o processo para que tenha papel diagnóstico e formativo.

Complementando a análise, no que diz respeito à excelência, marca da educação jesuítica, para o século XXI importa que reflitamos sobre a aplicação do objeto da aprendizagem. Em 'Aprender por Refração' (2023), afirma-se que "*excelência significa esforçar-se por adquirir uma compreensão mais completa do mundo à nossa volta para aplicar nele os nossos conhecimentos, habilidades e compreensão*" (2023, p. 97). Dessa forma, verifica-se que é necessário que reflitamos sobre o que nossos estudantes aprendem, tema do capítulo anterior, mas também sobre como aprendem de acordo com as imensas possibilidades presentes hoje. E, principalmente, de acordo com a Aprendizagem Refrativa, sobre o que o estudante faz com aquilo que aprendeu. Na perspectiva da Pedagogia Inaciana, a excelência da aprendizagem se dá na reflexão do que se aprendeu seguida da ação, a ação que se refere à aplicação no mundo real.

O estadunidense Marc Prensky afirma que estamos vendo

o surgimento de novas grades curriculares, com elementos como aprendizagem social/emocional que antes estavam ausentes; professores que deixaram de ser meros fornecedores de conteúdo para se tornarem tutores de projetos; a tecnologia ser usada para fazer coisas novas e extraordinárias; o despontar de organizações, a exemplo da Ashoka, que incentiva crianças e jovens a se tornarem 'agentes de mudança', isto é, pessoas que fazem a diferença. Um elemento-chave da Educação para Melhorar o Mundo é identificar problemas do mundo e criar e conectar equipes de estudantes para resolvê-los – com supervisão e orientação de adultos (professores). (PRENSKY, 2021, p. 71-72).

O português José Pacheco complementa advertindo que

“Quando anunciam novas técnicas, metodologias, a que chamam ‘inovações’, talvez não se apercebam de que estão falando de paliativos de um velho e obsoleto modelo de ensinagem. Talvez não compreendam de que não se trata de tentar melhorar um modelo educacional herdado da primeira revolução industrial, mas de conceber e desenvolver uma nova construção social de aprendizagem.” (PACHECO , 2019, p. 115)

Inovação e tecnologia:

A inovação no âmbito escolar é frequentemente associada à tecnologia digital, que é uma ferramenta poderosa para promover a aprendizagem. No entanto, a inovação não pode ser reduzida à mera digitalização do ensino tradicional. Para ser válida, precisa fazer sentido e promover o desenvolvimento dos estudantes, preparando-os para serem protagonistas de suas próprias vidas e parceiros na construção de uma sociedade mais justa e pacífica. Nesse mesmo sentido, é preciso usar todos os recursos e ferramentas do mundo digital para tornar o mundo material um lugar mais inclusivo e sustentável, ampliando as formas de acesso às informações, conectando os indivíduos e garantindo a democratização do conhecimento em termos de qualidade, profundidade e sentido.

Embora inovação e tecnologia estejam muitas vezes relacionadas, elas são usadas indevidamente no âmbito escolar. A inovação não se reduz à tecnologia, nem pode simplesmente transferir para o ambiente digital a mesma concepção instrucional e padronizada das práticas educativas tradicionais – nesse cenário, os conteúdos seriam tratados da mesma forma, fragmentados e dissociados da vida real, e os alunos continuariam como receptores passivos, subservientes ao roteiro do professor, que manteria o protagonismo da ação pedagógica. Portanto, a inovação não surge da tecnologia, mas a incorpora como um meio para promover mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, Marc Prensky nos interpela da seguinte forma:

Pense em todos os recursos – de vídeo, de cálculo, de pessoas, de tradução, de supercomputação e até de geolocalização – já disponíveis no bolso de muitas crianças. Agora imagine a força desses recursos no dia de amanhã. E o mais extraordinário de todos os empoderamentos vem da crescente conectividade dos jovens – que se interligam uns aos outros, com todo o conhecimento do mundo e todas as pessoas do planeta. Temos, neste momento, a primeira geração verdadeiramente horizontal e globalmente conectada. Precisamos educar esses jovens para o mundo em que eles viverão no futuro (PRENSKY, 2021, p. 64).

Nesse sentido, a despeito das experiências positivas que a tecnologia aplicada à educação escolar traz, Pacheco (2019) faz um alerta de que é *"preciso harmonizar a introdução das novas tecnologias com a reinvenção da escola. Sem tecnologias ou com tecnologias, a velha escola da aula poderá continuar produzindo ignorância, exclusão, infelicidade."* (2019, p. 115)

Corroborando com essa preocupação, Prensky (2021) chama a atenção para o risco do mau uso e do reducionismo da tecnologia nos ambientes educacionais. Ele alerta para o investimento em novas e caras tecnologias para efetuar a mesma velha educação com nova roupagem gerando um grande desperdício de recursos. Nossos estudantes precisam de tecnologias que os conectem ao mundo e lhes deem sustentação para realizações no mundo real.

Tendo essas questões em perspectiva, é preciso avaliar algumas inovações que têm grande potencial de impactar as formas de ensinar e aprender nas escolas. Dentre as tecnologias mais inovadoras da atualidade, a Inteligência Artificial (IA) vislumbra transformar a forma como vivemos, trabalhamos e aprendemos e pode ser usada para criar abordagens de ensino e aprendizagem, personalizadas para cada aluno – por exemplo, além de poder ser usada para fornecer *feedback* em tempo real, adaptar o conteúdo às necessidades individuais e criar experiências de aprendizagem mais

envolventes. Porém, para que cumpra bem o seu papel, a IA intenta desempenhar a sua função sem extrapolar os limites para a qual foi criada. Isso porque: *"Devemos estar atentos para garantir que as transformações tecnológicas em curso nos ajudem a prosperar e não ameacem o futuro das diversas formas de conhecimento ou da liberdade intelectual e criativa"*. (UNESCO, 2022, p. 7).

Ainda na relação entre inovação e tecnologia, também é necessário considerar o envolvimento das crianças e jovens com as tecnologias digitais, principalmente as que promovem o engajamento em redes sociais. Isso porque a expansão do mundo digital e o aumento de acesso à internet, por crianças e adolescentes, exigem uma resposta inovadora da escola. Uma possibilidade é a aplicação do conceito de cidadania digital enquanto estratégia para promover o uso seguro e responsável das tecnologias digitais por parte dos jovens.

Inovação e arquitetura escolar:

A arquitetura escolar, é um importante instrumento de inovação pedagógica, pois tem a potencialidade de propiciar ambientes acolhedores, disruptivos e contagiantes, capazes de ressignificar os espaços pedagógicos para que promovam a colaboração, a resolução de problemas, a criatividade, a reflexão, a distensão emocional e a interação entre professores e alunos. É importante fomentar a construção de ambientes flexíveis, com mobiliário modular, espaços ao ar livre e de encontro com a natureza. Assim, transforma-se a maneira como o ensino e a aprendizagem são realizados, promovendo uma aprendizagem mais confortável, significativa, reflexiva, contextualizada e inspiradora.

Nesse sentido, a renovação dos espaços escolares se configura numa promissora estratégia para a inovação pedagógica. Isso porque os espaços que são desenhados para serem acolhedores, flexíveis e inclusivos trazem, em si mesmos, a potência de promover a colaboração, a criatividade e o aprendizado ativo, que são características basilares da inovação.

Também Alves *et al* (2016), nos questiona sobre os princípios metodológicos para ensino e aprendizagem. *“Se pensarmos que queremos preparar o aluno para a vida real e futura em que velhas e novas competências desenharão o perfil de um sujeito ético, comprometido, inovador, não seria razoável que o ambiente da sala de aula fosse um espaço de exercício de tais práticas?”* (2016, p. 48).

Porém, é importante destacar que cada espaço escolar, por mais bem projetado que seja, só terá sentido se contar com um projeto pedagógico integrado, que possibilite a construção de planejamentos coerentes com as intencionalidades curriculares que se espera de cada atividade. Sendo assim, o espaço escolar será um recurso para promover a aprendizagem, desde que seja utilizado de forma intencional e coerente com os objetivos educacionais.

Portanto, no que tange à dimensão do espaço como elemento constitutivo de aprendizagens, para além da sala de aula transmissiva e tradicional, todos os lugares, dentro e fora da própria escola, precisam ser intencionalmente potencializadores de experiências. Vistos dessa forma, visam a explorar as práticas de convivência, as experiências concretas, a colaboração, a negociação de valores para o bem comum.

Papa Francisco, em mensagem pelo lançamento do Pacto Educativo Global, em 2019 e, conforme acima mencionado, recorda-nos o provérbio africano que diz que ‘para educar uma criança necessita-se de uma aldeia inteira’. Ele nos exorta a construir essa aldeia no sentido de gerarmos uma rede de relações humanas aberta como condição para educar. Uma aliança para além das salas de aula e das escolas, entre os habitantes da Terra, da casa comum a que devemos cuidado e respeito, uma aliança que suscite paz, justiça e acolhida a todos os povos da família humana.

Segundo o Papa Francisco, é importante, como primeiro passo, colocar a pessoa no centro do processo educativo. Nesse sentido, os processos educativos formais e informais não podem ignorar que vivemos em um mundo intimamente conectado e que *“necessita encontrar - a partir de uma sã antropologia - outros modos de*

entender a economia, a política, o crescimento e o progresso. Em um itinerário de ecologia integral, deve-se pôr no centro o valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que as circunda, e se propõe um estilo de vida que rechace a cultura do descarté.”¹²

Inovação e Tempo Integral:

Outra pauta que exige atenção é a proposta da formação integral em tempo integral. A Pedagogia de inspiração inaciana coloca o estudante no centro do processo educativo visando à sua formação integral, ou seja, em todas as dimensões: intelectual, física, social, emocional e cultural, e para toda a vida, uma abordagem voltada ao desenvolvimento de todo o potencial dos estudantes, formando seres humanos bons, cidadãos globais e agentes de mudanças.

No entanto, a extensão de tempo, por si só, não é necessariamente mais educação integral, pois ocupar o tempo dos estudantes com “mais do mesmo” não garante a consolidação de um projeto de formação integral, com um currículo integrado, voltado para o desenvolvimento das múltiplas dimensões do estudante, integrando conhecimentos e experiências de forma democrática e horizontal.

Cavaliere (2007, p. 1021) considera que a ampliação da jornada só se justifica “na perspectiva de propiciar mudanças no caráter da experiência escolar, ou melhor, na perspectiva de aprofundar e dar maior consequência a determinados traços da vida escolar”, considerando que a escola pretende atuar para além da instrução.

Paro (2009) lembra-nos, por exemplo, que a ampliação de tempo escolar não se destina a oferecer o mesmo modelo de educação. Não será inovador gerar mais sobrecarga daquilo que a escola já oferece, perpetuando uma educação empobrecida de experiências, limitada apenas a disciplinas que despejam conteúdos,

¹² Vaticano, 12 de setembro de 2019

muitas vezes, sem sentido para o aluno: “*não se trata de mais uma escola apenas para aqueles que aprendem apesar da escola*” (PARO, 2009, p. 20).

A dinâmica do tempo integral é bastante desafiadora e por esse motivo merece ser bem analisada, pois exige olhares e fazeres diferenciados da gestão, dos educadores e educandos e das famílias que precisam de formação e clareza sobre o percurso. Nesse sentido, é preciso conhecer e respeitar a cultura de cada unidade educativa, de tal modo que o tempo integral seja constituído para responder às expectativas da comunidade e, ao mesmo tempo, potencializar o desenvolvimento do currículo escolar.

Por fim, ao relacionar o tema da inovação com a questão do “como ensinar e aprender”, é preciso considerar que a inovação pedagógica é um processo complexo e desafiador, que requer a colaboração de diferentes atores da educação, como professores, estudantes, familiares, gestores, pesquisadores e especialistas em tecnologia. E são esses atores escolares os promotores da inovação, tema do capítulo a seguir.

PARA IR ALÉM:

1. Você concorda com esta afirmação: “*Constata-se, dessa forma, que os métodos tradicionais de ensino, baseados em aulas expositivas e memorização, são insuficientes para preparar os estudantes para os desafios do mundo contemporâneo.*” Por quê?
2. Reflita sobre o modelo de ensino e aprendizagem tradicionais. O que eles produziram em termos de formação humana de nossos estudantes?
3. Que modelo seria importante para construirmos futuros mais justos, solidários e sustentáveis?
4. E a avaliação? O que promove hoje? Que alternativas, concretas, podem ser adotadas em vista da formação de pessoas competentes, conscientes, criativas, compassivas e comprometidas?

VII. QUEM PROMOVE A INOVAÇÃO? O TRABALHO COLABORATIVO

“Esse tipo de trabalho em colegiado é um pré-requisito vital, frequentemente necessário, para o trabalho intelectual da mudança educacional, pois ajuda a fazer com que o processo de mudança pareça mais sensível, real e prático. Isso é bastante verdadeiro quando a tarefa de entender a mudança ultrapassa a discussão para além da observação prática”
(HARGREAVES 2002, p. 123).

Recordando o que já foi dito anteriormente, escolas são pessoas que aprendem umas com as outras, que se enriquecem na partilha de experiências, na socialização de conhecimentos, na relação pedagógica. Como nos ensina Paulo Freire, *“ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*.

Trabalho colaborativo e inovação andam de mãos dadas. Esse movimento não acontece, ou acontece de forma superficial e equivocada, se não houver, a partir de discernimento, a colaboração efetiva, a corresponsabilidade, com envolvimento de todos os atores escolares, gestores, docentes, não docentes, estudantes e famílias. A escuta a todos esses atores, assim como sua participação de forma representativa, é imprescindível para que a inovação ocorra profunda e eficazmente, com o compromisso de todos com uma educação que objetiva a excelência humana e que contribua para a construção de um mundo melhor.

Nesse sentido, a colaboração permite a união de diferentes pontos de vista, de várias perspectivas e experiências, possibilitando encontrar meios e soluções criativas e relevantes para o contexto da instituição educativa em questão. É na junção de olhares e sentidos, no trabalho conjunto e na partilha que o edifício da inovação vai sendo construído.

Contemplar a participação de atores diferentes, que ocupam locais e funções diferentes é enriquecedor para essa construção. Importa, nesse trabalho, principalmente no momento inicial em que a criatividade se faz presente e as ideias emergem, que as hierarquias sejam extintas ou minimizadas, para dar lugar ao livre pensar, sem cerceamentos, com acolhimento e respeito. Para a eficácia desse movimento, é importante contar com lideranças equilibradas e que se coloquem a serviço, embora não prescindam de seu papel e de sua responsabilidade na condução do processo e em sua finalização, quando da tomada das decisões que conduzirão à implantação do projeto final de inovação.

Reiterando, a organização escolar no que diz respeito à inovação está a serviço de um projeto que se constrói de forma colaborativa pelos membros da comunidade escolar, em patamares diferenciados, tendo a liderança o papel de conduzir o processo. Importa aqui, mais do que atender ao organograma existente, haver a distribuição de papéis e responsabilidades. Todos estamos implicados no projeto de mudança! Contudo, o olhar transformacional começa na pessoa dos gestores.

Nesse sentido, a liderança é a facilitadora. É propulsora da inovação. Sua visão e intenção precisam ser compartilhadas possibilitando o engajamento dos demais. É importante que haja autonomia de pensamento e que, na criação desse novo projeto de inovação, seja definido e respeitado o lugar de cada membro da comunidade educativa.

Uma das formas de se exercer a liderança na escola é mobilizar o talento humano para atuar de forma coletiva. A liderança desempenha papel fundamental na promoção da inovação pedagógica. Líderes capacitados e inquietos podem incentivar os educadores a explorarem novas abordagens de ensino, experimentar tecnologias educacionais e buscar práticas pedagógicas que tragam maior sentido à aprendizagem. É preciso criar uma cultura de aprendizagem contínua nas escolas, promovendo a transformação do ensino, preparando os estudantes para os desafios do mundo atual.

Professores motivados e engajados são necessários para o sucesso educacional. No que tange especificamente aos professores, dedicação e entusiasmo, o desejo de fazer o melhor, contagiam a sala de aula, criam ambientes de aprendizagem eficazes. Motivação, apoio e formação continuada são fundamentais para que o professor se desenvolva.

Quanto à liderança inaciana, ela é essencialmente serviço. Inspirar, motivar, abrir caminhos em um exercício permanente de escuta e acolhimento aos demais. Ao mesmo tempo, é responsabilizar-se pelo processo, pelas escolhas e decisões de forma consciente.

Os Exercícios Espirituais, criados por Santo Inácio de Loyola ao longo de um processo de conversão, são fomentadores da autoconsciência pessoal e espiritual. Este autoconhecimento viria a se tornar o alicerce do modelo de liderança dos jesuítas. No entanto, a possibilidade de se tornar um líder nessa perspectiva está ao alcance de todos, jesuítas e leigos que, imbuídos dessa formação, partilham uma missão comum como corpo apostólico que se coloca a serviço. Como afirma Chris Lowney (2015) em relação à liderança é que *“a ferramenta mais poderosa que um líder pode ter é compreender o que quer, ancorar-se em certos princípios e, a partir disto, encarar o mundo com uma visão consistente”*. (2015, P. 29).

Essa liderança assertiva possibilita o desenvolvimento de estratégias de visão de futuro que mobiliza pessoas e equipes para que foquem nos princípios fundacionais e no carisma inaciano para o melhor êxito na missão educativa nas escolas. Uma liderança que contagia e mobiliza pessoas para que promovam as mudanças necessárias para a inovação na escola, sempre alicerçada na tradição e no modo inaciano de educar.

Lowney (2015) nos lembra que à época de Santo Inácio, a palavra liderança conforme é concebida atualmente, não existia. No entanto, alguns princípios que guiavam a formação individual de cada membro da ordem formaram a base para a cultura organizacional.

Destacamos aqui o que o autor chama de princípio da inventividade, que se baseia na atitude de “*se tornar indiferente*”. Isto significa ser livre para fazer escolhas. Não se submeter a preconceitos, anseios e apegos que possam prejudicar as escolhas da liderança. Esta atitude é essencial para que se tenha a liberdade e capacidade de inovar.

A governança escolar ou gestão escolar será, dessa forma, a mobilizadora da transposição da teoria de gestão de escolas da Companhia de Jesus para a prática, para o que se convencionou chamar de o ‘chão da escola’. As constantes mudanças sociais, políticas e econômicas exigem das organizações escolares novas reflexões e posicionamentos gerenciais, para se manterem no mercado e não abandonarem a essência dos seus princípios fundantes. As escolas e os colégios da Companhia de Jesus entendem que, com o trabalho em rede e, especificamente com a Rede Jesuíta de Educação Básica, aqui no Brasil, podem se alinhar a objetivos e metas comuns. A Rede apoia suas unidades educativas em seus processos, procedimentos e projetos de inovação, apontando diretrizes e proporcionando momentos de formação continuada e de trabalho conjunto entre educadores e homólogos por função, das unidades.

Esse dispositivo está presente no Estatuto da RJE em seus objetivos e finalidades. Declara-se no Estatuto que a Rede é “*Lugar desde o qual se ofereça um conjunto de serviços educativos, formativos e de gestão de qualidade às Unidades para ajudá-las em sua missão educativa*”. (2022, p. 7)

O reposicionamento das obras educativas da Companhia de Jesus exige uma revisitação à tradição educativa inaciana ao mesmo tempo em que se debruça sobre o que está proposto na atualidade, além de uma projeção do que pode e o que se deseja para o futuro. Para isto, há se adotar estratégias inovadoras, coerentes com esta tradição. Em vista das necessidades do hoje e das possibilidades do amanhã. Para o estudante, para o professor e para a gestão das escolas no século XXI.

A partir do já exposto e refletido até aqui, cabe-nos construir um projeto de inovação. Como? Quais os passos? De que necessitamos? Vamos começar? Isso é o que propõe o próximo capítulo. Coragem!

PARA IR ALÉM:

1. Se você ocupa cargo de liderança, reflita sobre a grande responsabilidade de sua função. Tenho me colocado a serviço dos demais por quem sou responsável? Apesar da rotina, muitas vezes intensa e cansativa, tenho conseguido proporcionar momentos de escuta e acolhimento às ideias e sugestões?
2. Se exerço outras funções, tenho participado de momentos de reflexão e discussão sobre questões importantes de mudança na instituição onde trabalho? Se sim, como eles acontecem? Reflita e discuta com colegas sobre a qualidade e quantidade desses momentos.
3. Os estudantes são ouvidos e participam, de alguma forma, desses momentos?
4. E as famílias? Há momentos para que conheçam a proposta pedagógica da instituição? Há abertura para ouvi-los?

VIII. HORIZONTES DA INOVAÇÃO

"Há uma força motriz mais poderosa do que o vapor, a eletricidade e a energia atômica, a vontade."(Albert Einstein)

Tendo como princípio básico da educação da Companhia de Jesus a certeza de que inovar é uma missão, é importante iniciar este último capítulo mencionando os compromissos propostos pelo Papa Francisco no Pacto Educativo Global¹³ como fundamento para a inovação segundo a educação inaciana. Ele convoca *"toda a humanidade a assinar um pacto educativo comprometendo-se pessoalmente a empreender estes sete caminhos.*

- . Colocar a pessoa no centro
- . Ouvir as gerações mais novas
- . Promover a mulher
- . Responsabilizar a família
- . Abrir-se à acolhida
- . Renovar a economia e a política
- . Cuidar da casa comum." (2019, p. 9)

Também na palestra proferida pelo Pe. Luiz Fernando Klein, S.J, em 2022, intitulada 'Colégio Jesuíta: tradição e inovação', são apresentados dez temas relevantes para a educação jesuíta para integrar o currículo. São eles:

1. Cidadania Global e Mundividência Intercultural para alunos, famílias, professores e administradores (6º Desafio do P. Geral, JESEDU, 2º Identificador de CJTV).
2. Consciência crítica face à injustiça (2º Desafio do P. Geral, JESEDU).
3. Criação de um ambiente sadio e seguro para todos os membros da Comunidade Educativa (4º Desafio do P. Geral, 2º Identificador de CJTV).

¹³ Pacto Educativo Global. Vademecum, 2019

4. Dignidade da mulher (9º Identificador de CJTV).
5. Dimensão transcendental (5º Desafio do P. Geral).
6. Diversidade cultural (7º Identificador de CJTV, 4ª Linha de Ação do PEC).
7. Educação Ambiental para alunos e famílias (3º Desafio do P. Geral, JESEDU, 4º Identificador de CJTV).
8. Educação Inter-religiosa para os alunos (JESEDU).
9. Programa de Ação de Solidariedade (SIPEI).
10. Rede Global para professores e gestores (8º Identificador de CJTV).

Em consonância com o que nos diz Paulo Freire (1991), *“mudar é difícil, mas é possível e urgente”* (1991, p. 7), assumir esse desafio requer ousadia e abertura aos demais, estabelecimento de parcerias e compartilhamento de ideias em um movimento de esforço conjunto.

Nessa perspectiva, Díaz (2017) afirma que, *“el cambio eres tú. El mundo te necesita, nos necesita a todos y a cada uno de nosotros”* (2017, p. 227).

Nos acordos finais do JESEDU (2017), no compromisso da continuidade e atualização da relação profunda entre a tradição e a inovação das escolas jesuítas, ressalta-se que

“tudo isso precisa levar nossos colégios a usar a imaginação inaciana para propor e implementar melhores práticas educativas que realmente possam encarnar a excelência humana de nossa educação e transformar nossos estudantes, nossas sociedades e a nós mesmos.”

Dessa forma, a partir de um exercício de discernimento, e do reconhecimento dos princípios inegociáveis da educação da Companhia de Jesus, os educadores são convocados à construção de planos de inovação que contribuam para as mudanças e transformações necessárias para a qualificação das práticas pedagógicas. Os processos devem ser sustentáveis, discernidos, participativos e justos, concebendo a educação integral como um caminho profícuo de inovação na contemporaneidade.

Para tanto, é preciso refletir sobre os processos, as etapas, as metodologias, os referenciais na implantação das inovações, considerando sempre a oferta de uma educação voltada para a justiça social, com experiências de aprendizagem que contribuam para a formação de uma cidadania global mais crítica, intercultural e comprometida com a transformação social.

A gestão da implantação de inovação pedagógica exige comprometimento, paciência e flexibilidade. É um processo dinâmico que visa a melhorar a qualidade da educação, envolvendo todos os principais atores, incluindo professores, alunos, gestores e pais, para garantir a consolidação e a sustentabilidade da inovação. Todos estamos comprometidos com a inovação, a começar por cada educador.

Parte-se da premissa de que a sala de aula concebida como espaço de aprendizagem, não se traduzindo em uma sala retangular ou quadrada com carteiras e lousa, mas como um ambiente em que a relação pedagógica acontece, é o 'coração pulsante' da escola. Não há inovação pedagógica se não houver real mudança na relação entre o professor e seus alunos e alunas com vistas a uma real aprendizagem.

Numa perspectiva mais ampla, podemos afirmar que a escola toda educa, o que está disposto no currículo entendido como a própria identidade da instituição, suas relações, normas e disposições, além das influências que advêm da sociedade, do mundo e seus desafios. Nas palavras de Papa Francisco, uma aldeia global.

Tudo na escola, saberes, espaços e tempos, instrumento e ferramentas, decisões e procedimentos, objetiva impactar positivamente o processo educativo. Todo o investimento só trará resultados no que tange à inovação voltada à construção de um mundo melhor se modificar a forma como o ensino e a aprendizagem acontecem nesse espaço e nessa relação privilegiados.

Importante lembrar que não são os professores os únicos responsáveis pela mudança. A ainda recorrente ideia de que a

inovação depende unicamente dos professores e de que eles constituem a principal resistência é equivocada. A inovação é tarefa de todos, e necessita de decisões corajosas por parte dos gestores que, ao se apropriarem do que significa inovar, canalizam tempo, espaço, e investimentos para que ela ocorra.

É necessário perceber que a inovação depende da compreensão e promoção dos gestores, para que não desperdicemos a criatividade de muitos professores que ousam inovar, mas que se sentem freados por seus gestores.

Reitera-se, nessa linha de raciocínio, que um dos aspectos importantes para a consecução dos objetivos de um projeto de inovação diz respeito à formação dos professores.

Como afirma Hargreaves (2002), a inovação impacta a vida dos professores, em suas crenças, suas emoções, suas experiências, em sua vida. Não basta exigir mudança dos professores sem um robusto projeto de formação continuada voltado a esse objetivo. *“Como seus alunos, os professores não são papeis em branco a serem preenchidos, e o aprendizado não é osmótico. Mudar crenças e práticas é um trabalho extremamente difícil”* (2002, p. 115). Os professores necessitam de acolhimento, acompanhamento e investimento em formação permanente.

Guidini (2017) também ressalta que a realidade do professor da educação básica nem sempre é favorável à realização da prática pedagógica. Segundo ele:

As condições externas à escola, a realidade interna e a carga de trabalho impingida ao professor denotam condições objetivas de trabalho não favoráveis ao exercício da docência. O resultado disso tudo chega à sala de aula, ao grupo de alunos, pois estes também são sujeitos do processo educativo e se encontram em meio a essa relação pedagógica no espaço da escola. (2017, p. 125)

Importa, em decorrência do exposto, que a elaboração do projeto de inovação de uma instituição educativa inclua professores

de diversos segmentos e séries, em número, diversidade e representações, e em acolhimento ao seu olhar e necessidades para a mudança, assim como os estudantes.

Em síntese, para a consecução de um projeto de inovação, renovação e reimaginação, a partir do qual a educação seja, de fato, transformadora, e contribua para a formação de futuros pacíficos, justos e sustentáveis, segundo o que dispõe a UNESCO (2022), pergunta-se:

1. O que devemos continuar a fazer?
2. O que devemos abandonar?
3. O que deve ser reinventado de maneira criativa?

A provocação do documento acima nos leva a refletir sobre a necessidade de aprimorarmos crítica e criativamente o que é fundamental e identitário e, ao mesmo tempo, ousar pensar estrategicamente em vista do futuro.

Para tal, é importante construir um projeto de inovação observando alguns procedimentos e passos concretos.

1. Organizar um colegiado contemplando os diversos sujeitos do universo escolar (lideranças, professores, estudantes e famílias).
2. Instituir os educadores responsáveis por cada parte do projeto de inovação.
3. Realizar um levantamento, incluindo a BNCC, dos conhecimentos, competências e habilidades necessários às crianças e jovens para hoje e, principalmente para o futuro, incerto e imprevisível.
4. Organizar e dividir esses conhecimentos, competências e habilidades de acordo com o nível de competência dos estudantes, mesmo que sejam de diferentes idades.
5. Priorizar o ensino da língua, da literatura e da matemática como estruturantes das demais áreas do saber.
6. Enriquecer a matriz curricular com conhecimentos que

desenvolvam e deem espaço à criatividade e à criticidade.

7. Realizar releitura do PEC, notadamente a Dimensão Curricular, refletindo sobre os pontos contemplados inseridos nas rotas de implementação, e os que ainda necessitam ser efetivamente implantados.

8. Acolher a convocação do Papa Francisco para o Pacto Educativo Global, tomando como roteiro de implementação as 4 Fases da *Guia Do Local ao Global*, elaborada pela OIEC¹⁴.

9. Definir o programa da Conversão Ecológica e participar do evento anual *Tempos da Criação*.

10. Avaliar a implementação das 4 Preferências Apostólicas da Companhia de Jesus.

11. Avaliar a implementação das recomendações e acordos do JESEDU I e II e do SIPEI.

12. Contemplar as dimensões socioemocionais, relacionais, espirituais e religiosas do currículo, na elaboração de um mapa das aprendizagens.

13. Rever os sistemas de avaliação para que sejam mais justos e inclusivos. Não se trata de facilitismo ou *laissez-faire*! É dar oportunidade a todos os estudantes de desenvolverem seu potencial e os talentos recebidos de Deus. Todos temos! É trazer luz sobre o sucesso, não sobre o fracasso.

14. Contemplar a pesquisa, a investigação como prática na busca pela resolução de problemas reais, do mundo real.

15. Quanto à tecnologia, possibilitar, de forma responsável, a inserção digital com:

- . Acessibilidade digital
- . Aprendizagem de modelar e prototipar
- . Cultura digital
- . Pensamento computacional

16. Elaborar um plano de formação dos educadores.

17. Elaborar um projeto de comunicação interna e externa.

18. Rever a estrutura organizacional da instituição educativa.

¹⁴ <https://pactoeducativoglobal.fundacion-sm.org/pt-br/itinerario-materiais-peg/guia-oiec/>

19. Repensar a estrutura física, se é adequada e se responde aos objetivos do projeto de inovação. Perguntas importantes: o projeto arquitetônico contribui para a aprendizagem na perspectiva da inovação? O que é possível mudar ou adaptar?

20. Elaborar o Projeto Político-Pedagógico da instituição, assim como seu Regimento Interno, possibilitando a correspondência entre a matriz axiológica, a epistemológica e as práticas correspondentes.

A inovação pedagógica não acontece no vazio, necessita de maturação, partilhas e elaboração consciente e rigorosa. Não se traduz, como já foi dito, em modismo e atividades pontuais. E para tal, há que se ter cautela, sensatez e cuidado, mas, levantando os olhos das rotinas que nos ocupam em demasia e nos obscurecem.

Necessitamos olhar para o futuro, para o horizonte, estrategicamente, para um mundo e uma realidade que somente nossas crianças e jovens habitarão. Eles terão que dar conta de um mundo desafiador e que não conhecemos, mas que esperamos seja mais justo, mais solidário, mais fraterno, mais humano, um mundo realmente melhor.

A educação que ofertamos hoje segue nessa direção? Com honestidade e humildade, vamos repensar nossa educação. E realizar a inovação que nossos estudantes merecem.

PARA IR ALÉM:

1. Reflexão individual: como você se sente ao término da leitura desse capítulo? Animado(a)? Desafiado(a)? Angustiado(a)? Como você nomearia esses sentimentos? Anote.
2. Partilhe esses sentimentos com a equipe da qual você faz parte. Recolha os consensos e e os dissensos.
3. Em equipe, olhem objetivamente para a realidade de sua escola ou colégio. Pensem nas pessoas, nos sujeitos que impactarão a inovação e serão impactados por ela.
4. Realizem um movimento de discernimento sobre como construir um projeto de inovação. Iniciem com um momento profundo de oração, pedindo que o Espírito Santo os ilumine.
5. Façam anotações e construam um mapa com cada passo do projeto de inovação, contemplando tempos, lugares e, principalmente pessoas.

IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As pessoas e o mundo podem mudar, defende o Papa Francisco, e qualquer mudança requer o aporte educativo, mas, lamentavelmente, a educação formal nos dias de hoje está falida. Ela não se desprende da concepção filosófica da Ilustração (século XVIII), continuando a absolutizar o conhecimento, em detrimento de outras dimensões – espiritual, emocional, artística, esportiva, por exemplo – do ser humano. Por conseguinte, a educação, em grande parte, se apresenta ao mundo de hoje, descontextualizada, elitista, defasada, divorciada da realidade. E mais grave: refratária à transcendência.” (KLEIN, 2023)¹⁵

O assessor da Rede Jesuíta de Educação, Pe. Luiz Fernando Klein, SJ, em artigo publicado para as Unidades Educativas da RJE, ao citar o Papa Francisco, mostra a grave situação da educação contemporânea, presa ao passado, a um modelo que não mais corresponde às necessidades do mundo atual.

Nesse mesmo documento, Pe. Klein nos lembra que a Pedagogia Inaciana, atenta aos apelos da realidade, tem como meta a formação de líderes cristãos, de serviço às pessoas e à sociedade em vista da sua transformação na perspectiva da reconciliação e da justiça. Nesse sentido, a *“Pedagogia Inaciana oferece uma educação católica, personalizada, multidimensional, com excelência humana (não apenas intelectual).”* (2023, p. 9).

Levando em conta os apelos do Papa Francisco e os objetivos da Pedagogia Inaciana é que este texto foi elaborado. E o GT Inovação Pedagógica, em suas considerações finais quer retomar as principais ideias sobre as quais se debruçou a partir do tema norteador, qual seja, inovação, considerando e contemplando a tradição educativa da Companhia de Jesus presente em seus diversos sericos documentos.

¹⁵ KLEIN, LF. **A Pedagogia Inaciana e os atuais apelos à educação.** RJE, 2023.

Primeiramente, reitera-se o objetivo principal deste documento que é o de inspirar, motivar e nortear os estudos, as reflexões, o discernimento e os consequentes projetos e planejamentos pedagógicos das Unidades Educativas da RJE em seus processos de inovação. O documento será apresentado às Equipes Diretivas das Unidades da RJE e servirá de base para o II Congresso da RJE e VII Congresso Inaciano de Educação, que será realizado em agosto deste ano na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio.

Reitera-se também que a inovação, a mudança, sempre estiveram presentes, como constitutivas e identitárias da educação inaciana. Como exemplo, destacam-se da alocução de Pe. Arrupe, de 1980¹⁶, três pontos que dialogam com os imperativos para a mudança. O primeiro diz respeito à *“potencialidade apostólica de nossos centros educativos”* (2015, p. 13), o que nos responsabiliza e anima em direção ao futuro. O segundo apresenta o que define um centro educativo da Companhia de Jesus, a excelência que se traduz no *“seu produto, os homens que forma”* (2015, p. 17). Antes dos quatroCs (competentes, conscientes, compassivos e comprometidos) criados por Pe. Kolvenbach, SJ, Pe. Arrupe já descrevia o ideal do aluno que pretendemos formar, pessoas de serviço, novas no sentido de transformadas pela mensagem de Cristo, abertas ao seu tempo e ao futuro, e equilibradas, o ser humano que se aproxima *“mais ao insuperado homem grego em sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano.”* (2015, p. 21). O terceiro ponto está intimamente em sintonia com o tema deste texto e fala da necessidade imperiosa da mudança para o atingimento dos pontos anteriores, quando afirma que *“uma comunidade que é levada a julgar que seu colégio não necessita de mudança, está ameaçando, a prazo fixo, a agonia do próprio colégio.”* (2015, p. 31)

A educação como instrumento apostólico e seu potencial de renovação também se encontram presentes no documento

¹⁶ Alocução final aos participantes do Simpósio sobre o Ensino Médio. Roma, 13 de setembro de 1980. In: Klein, LF. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. SP: Edições Loyola, 2015.

'Características da Educação da Companhia de Jesus', de 1986. Na parte que trata da adaptação para atingir as finalidades da educação da Companhia, ressalta-se que a comunidade educativa de um centro educativo jesuíta

"estuda as necessidades da sociedade atual e reflete sobre as linhas de ação da escola, as estruturas, os métodos, a pedagogia e todos os demais elementos do ambiente escolar, para encontrar os meios que melhor podem realizar as finalidades do colégio e implementar a sua filosofia educacional. Na base destas reflexões são introduzidas mudanças consideradas necessárias ou úteis na estrutura, nos métodos, no currículo etc."(2015, p. 86-87, n. 145)

Nessa mesma linha de análise, é mister recorrer ao mais atual documento de educação da Companhia de Jesus, 'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento', de 2019.

Já nas primeiras páginas, o documento, ao trazer o contexto da globalização, nos fala do objetivo de nosso apostolado educativo que é o de formar jovens líderes que, por meio da educação de qualidade na tradição humanista jesuíta, se tornam agentes de mudança a serviço do bem comum.

Ao recordar o Congresso Internacional dos Delegados de Educação da Companhia de Jesus – JESEDU – Rio 2017, no item B. 'Tradição e Inovação', o documento apresenta o compromisso assumido pelos delegados de *"participar num processo de discernimento inaciano que conduzirá a um plano de inovação para cada escola e a uma revisão periódica que corresponda ao contexto local e à nossa tradição"*. (2019, p. 31, n. 58).

Por fim, na parte que nos fala em como atuar como um corpo universal com uma missão universal, o texto nos exorta a abraçar o desafio da mudança, a despeito de seus desafios. E acrescenta que, *"dada a extensão das mudanças na cultura, educação, religião, no catolicismo e na Companhia e Jesus nos últimos trinta anos, não há outra opção"*. (2019, p. 59, n. 153).

No prólogo do livro-guia 'Aprender por Refração: um guia de Pedagogia Inaciana do século XXI para docentes', de 2023¹⁷, Pe. José Alberto Mesa, SJ, Secretário Internacional da Educação da Companhia de Jesus, ao se referir aos primeiros jesuítas, nos recorda que *"uma educação verdadeiramente boa requer renovação contínua, inovação, reinterpretação e reinvenção; e que, se queriam realmente oferecer uma educação de qualidade, teriam que estar atentos às mudanças constantes dos contextos e abertos a novos desenvolvimentos."* (2023, p. XII).

Inspiração teórica não nos falta! A riqueza documental educativa da Companhia de Jesus é vasta e vem sendo atualizada frequentemente, atenta aos sinais dos tempos, em busca do que a constitui, a excelência, o *magis*, a formação das novas gerações para que se tornem pessoas de serviço, competentes, conscientes, criativas, compassivas e comprometidas com um futuro cheio de esperança.

Como síntese do que significa a inovação pedagógica para a Rede Jesuíta de Educação Básica - RJE, a partir dos referenciais presentes neste documento, o que se constitui em nosso credo pedagógico, nossa 'carta de identidade', podemos afirmar que inovação pedagógica para a RJE se assenta sobre três bases:

- 1. A natureza da inovação:** A inovação é paradigmática, disruptiva, transformadora, sistêmica, humanizadora, missionária. Diz respeito a uma ruptura de caráter estrutural e sustentável. Trata-se de uma reforma integral, cultural e pedagógica que contempla e busca, numa perspectiva cristã, a transcendência.
- 2. Os objetivos da inovação:** A educação inaciana objetiva a excelência, o *magis*, a formação integral e integradora, a justiça e a reconciliação. A formação de líderes cristãos, de serviço. Tem como meta a construção de um projeto de sociedade mais justa e inclusiva, a partir de um olhar cuidadoso para os demais e a casa comum. Intenta formar cidadãos responsáveis, globais, agentes de transformação de e para um mundo melhor.

¹⁷ GO, Johnny C. e ATIENZA, Rita J. **Aprender por Refração: um guia de pedagogia inaciana do século XXI para docentes**. SP: Edições Loyola, 2023.

3. Os modos da inovação: A inovação se dá por meio de novas práticas pedagógicas, metodológicas e de gestão, advindas de um processo de maturação, de uma análise reflexiva, crítica e discernida da realidade. Na reorganização dos currículos, importa colocar sempre a pessoa no centro do processo educativo.

No que hoje já existe nas Unidades Educativas da RJE, podem-se comprovar as diversas e ricas experiências nessa direção em forma de atividades e projetos voltados à inovação de suas práticas.

Os esforços, a seriedade e a dedicação somados à competência dos educadores da RJE têm demonstrado que passos importantes já foram dados. As instituições educativas da RJE se destacam em relação aos avanços no que tange à excelência de seus projetos e práticas pedagógicas. Exemplos que nos animam e nos mostram que temos as condições necessárias para avançar, para ir além do que tem se apresentado hoje em termos de educação em nosso país.

Todavia, é necessário lembrar e reiterar que, a despeito das muitas experiências exitosas, inovação não se resume a elas, pois não se trata de criar métodos, nem somente projetos voltados a essa ou àquela área, tampouco atividades que envolvam parte do currículo. Inovação é paradigmática, é abrangente, constitui mudança de modelo pedagógico, e diz respeito a toda a instituição, a todos os sujeitos, a todas as áreas e setores.

Inicialmente, importa envolver, no discernimento coletivo sobre a construção desse novo modelo, os diversos sujeitos, educadores de diversas áreas, professores, estudantes e famílias, em graus específicos, como já explicitado anteriormente.

Chama-se atenção também para o papel dos gestores, maestros que acolhem os diversos sons, tons e ritmos, e que regem todos em busca da sintonia que mais se aproxime do ideal de uma bela melodia, de um robusto e consistente projeto de inovação na perspectiva inaciana.

Que estejamos abertos aos novos ventos, dispostos com ânimo e generosidade, e que permitamos que Santo Inácio nos guie, nos inspire e ilumine.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Companhia de Jesus e o Direito a uma Educação de Qualidade. Peru: CPAL, 2019.

AGUERRONDO, Inés. **La escuela del futuro 1 - Cómo piensan las escuelas que innovan.** Buenos Aires, Argentina: Papers Editores, 2006.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Isa Mara da Rosa; BORBA, Gustavo Severo *et al.* **Um olhar sobre a experiência da sala de aula na perspectiva do design estratégico.** São Leopoldo: UNISNOS, 2016.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola.** Editora Planeta, 2008.

BAGHAI, M. WHITE, D. COLEY, S. **A Alquimia do Crescimento.** São Paulo: Record, 1999.

BALL, Stephen. Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 37-55, maio/ago.2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15865/9445>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BERTOCHÉ, Gustavo. *Introdução.* IN: SAYERS, Dorothy. **As Ferramentas perdidas da Aprendizagem.** Campinas, SP: CEDET, 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a base. Brasília,

MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em 02 de janeiro de 2022.

Características da Educação da Companhia de Jesus. *In*: KLEIN, Luiz Fernando (org.). **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo, Edições Loyola, 2015.

CARBONELL, Jaume. *Las pedagogías innovadoras y las visiones de los contenidos*. *In*: SACRISTÁN, José Gimeno (org.). **Los contenidos: una reflexión necesaria**. Madrid: Morata, 2017. p. 77-82.

CARBONNELL, Jaume. **Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa**. Porto Alegre: Penso, 2016.

CAVALIERE, Ana Maria. **Tempo de escola e qualidade na educação pública**. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, 2007.

Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no século XXI – Um exercício contínuo de Discernimento. ICAJE, Roma: 2019.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2012. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 327-332, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4RKqThSNk7MjSf4Hq3mJd6S/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso: junho/2023

COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. **Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e empreendedorismo**. *Educação & Realidade*. 34(2):171 -186 maio/ago. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299/5537>. Acesso em: 14 jun. 2021.

COUTINHO, Cadidja. **Inovação Pedagógica no Processo de Ensino e de Aprendizagem: relatos, reflexões e vivências**. *In* Adilson Cristiano Habowski, p. 36, 2022.

DÍAZ, David Martín. **¿Por qué educamos? Conversaciones con expertos.** Madrid: Colección VivadeLID Editorial Empresarial, SL., 2017.

DRUCKER, P. **Sociedade Pós-Capitalista.** São Paulo: Pioneira, 1993.

Estatuto da Rede Jesuíta de Educação Básica. Província dos Jesuítas do Brasil. RJ, 2022.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALIAN, Cláudia; SAMPAIO, Maria. **Educação integral em tempo integral: implicações para o currículo da escola básica.** *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], vol. 12, n. 2, p. 403-422, maio/ago. 2012.

GUIBERT, José María. **Para comprender la pedagogía ignaciana.** Bilbao – España: Ediciones Mensajero. 2020.

GUIDINI, Fernando. In: ATIENZA, Rita. J.; GO, Johnny, C. **Aprender por refração: um guia de pedagogia inaciana do século XXI para docentes.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2023.

GUIDINI, Fernando. **Referenciais Epistemológicos: a formação pedagógica dos professores da educação básica.** Curitiba, PR: Appris, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARGREAVES, Andy. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando et al. **Aprendendo com as inovações nas escolas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

JESEDU: 1º. Encontro Mundial dos Delegados de Educação Jesuíta: **A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus.** Rio de Janeiro, 20/07/17.

KLEIN, Luíz Fernando, SJ. **Educação Jesuíta: tradição e atualização.** Palestra virtual aos educadores da Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil. 29 de setembro de 2020.

KLEIN, Luíz Fernando, SJ. *A Pedagogia Inaciana: de Pedro Arrupe a Arturo Sosa.* In: LOPES, M.M., SJ et al. **Educação em tempos incertos.** Braga (Portugal): Axioma - Aletheia – Associação Científica e Cultural, 2020.

LEVY, Steven. **Google, a Biografia.** São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2012.

LIMA, K. M. C. F. M. ; MOTA, M. K. F. ; CAMPOS, CAZIMIRO DE SOUSA . *Profissionalidade docente e inovação pedagógica: desafios e perspectivas.* In: DAMASCENO DE OLIVEIRA, Ricardo.; SIQUEIRA DAMASCENO, Mônica Maria. (Org.). **Educação 4.0: aprendizagem, gestão e tecnologia.** 1ed. Iguatu, Ceará: Quipá Editora, 2021, v. 1, p. 14-31. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/603256/2/COLETANEA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%204.0.pdf>. Último acesso: junho/2023

LOMONACO, Beatriz; SILVA, Letícia. **Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade.** São Paulo: CENPEC; Fundação Itaú Social; UNICEF, 2013. Disponível em: educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/05/CENPEC-PercursosEduIntegral-1.pdf. Acesso em: 5 jul. 2014.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano.** RJ: EdUERJ, 1999.

LOUREIRO, Ana Maria B. **Professor: identidade mediadora.** SP: Edições Loyola. 2004.

LOWNEY, Chris. **Liderança Heroica: as melhores práticas de uma companhia que há mais de 450 anos vem mudando o mundo.** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

MARINS, Alexandre Ricardo. **Educar para o Pensamento Crítico – Adorno e a Educação.** Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

MARINS, Alexandre Ricardo. **Educação e Emancipação.** São Paulo: Editora Biblioteca 24 Horas, 2019.

MASSCHELEIN, janeiro; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Autêntica, 2017.

MELLO, Elena. FREITAS, Diana. (org.) **Inovação Pedagógica: investigações teórico-práticas no contexto educacional.** São Paulo. Pimenta Cultural, 2022.

MESSINA, Graciela. **MUDANÇA E INOVAÇÃO EDUCACIONAL: NOTAS PARA REFLEXÃO.** Caderno de Pesquisa, n. 114, novembro, 2001.

MONBIOT, George <https://outraspalavras.net/sem-categoria/bem-vindo-a-escola-do-seculo-19/>

MORIN, Edgar. **Despertemos: um chamado para o despertar das consciências.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

NICOLELIS, Miguel. **O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos.** SP: Planeta, 2020.

OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Measuring Innovation in Education 2019 – what has changed in the classroom?** In: https://www.oecd-ilibrary.org/education/measuring-innovation-in-education-2019_aa234de3-en. Acessado em 14 de junho de 2023.

PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. 2ª reimpressão: 2020.

PACHECO, José. **Reconfigurar a escola: transformar a educação.** São Paulo: Cortez, 2018. Impresso no Brasil: 2021.

PARO, Victor Henrique. *Educação Integral em Tempo Integral: uma concepção de educação para a modernidade.* In COELHO, L.M.C.C. (Org.). **Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo.** Petrópolis, RJ: DP et elli, 2009.

PEDAGOGIA INACIANA: Uma proposta prática. [S. l.]: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana, 1993.

PHILLIPS, D. C. **Research in the hard sciences, and in very hard “softer” domains.** Educational Researcher, Washington, v. 43, n. 1, p. 9-11, 2014. 10.3102/0013189X13520293

PRELLEZO GARCIA, José Manuel (coord.) **Diccionario de Ciencias de la Educación.** Universidad Pontificia Salesiana - Facultad de Ciencias de la Educación. Librería Ateneo Salesiana. Editorial CCS: Madrid, 2009.

PRENSKY, Marc. **Educação para um mundo melhor: como estimular o poder das crianças e jovens do século XXI.** SP: Panda Educação, 2021.

RABE, André. Maker. **Uma nova abordagem para a tecnologia na educação.** Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.26

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum.** São Paulo: Loyola, 2021.

REMOLINA, Gerado. O futuro da tradição educativa jesuíta. IN: BARREIRO, Alvaro & REMOLINA, Gerado. **Sobre a tradição educativa e a espiritualidade jesuítas.**

SANCHO-GIL, Juana M. Innovación y enseñanza. De la “moda” de innovar a la transformación de la práctica docente. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 12-20, 2018.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. *Entre a compulsão modernizadora e a melancolia pedagógica: a escolarização juvenil em tempos de pandemia no Brasil*. **Praxis educativa**, v. 15, 2020.

SOSA, Arturo. **A educação jesuíta hoje**. [S. l.]: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana, 2018.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória**. *Cadernos Cedes*, v. 23, p. 267-281, 2003.

COLETÂNEA

A fim de poder prestar um serviço educativo que atenda às necessidades das pessoas e os desafios da contemporaneidade, a Pedagogia Inaciana considera indispensável e constante enfrentar e discernir a mudança de suas estratégias e procedimentos. Para apoiar esta tarefa, a presente coletânea recolheu as principais e mais recentes orientações da Companhia de Jesus que ajudam a enfocar a mudança necessária para o apostolado educativo. A maior parte dos textos citados pode ser encontrada no *Centro Virtual de Pedagogia Inaciana* (www.pedagogiaignaciana.com).

Realidade da mudança

1. Nas três últimas décadas, o contacto sociocultural e educativo no qual desempenhais a vossa missão mudou irrevogavelmente. Mudanças religiosas acompanharam as mudanças na sociedade, na vida nacional e na educação. Não adianta lamentar ou negar o fato ou, pelo contrário, afirmar que todas as mudanças foram pura bênção ou resultado de decisões sábias. Em qualquer hipótese, este nosso mundo em mudança é o único em que fomos chamados a cumprir a nossa missão. A única questão que merece a nossa atenção é como garantir que exerçamos o nosso apostolado de modo a influir da melhor maneira no presente (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Sobre las características de la educación de la Compañía de Jesús*. Georgetown, a la Asamblea de Enseñanza Superior en los Estados Unidos, 07/06/89).
2. Em todo o mundo, a educação se encontra em uma encruzilhada como resultado das extraordinárias mudanças na sociedade que nascem da globalização, do abismo cada vez mais amplo entre os ricos e os pobres, das inovações tecnológicas, das mudanças nas famílias e das novas buscas tecnológicas, e das novas buscas por paz e igualdade (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).
3. ... as mudanças são relativamente recentes e se processam num ritmo muito acelerado, o que dificulta que vão acompanhadas de uma reflexão ampla e profunda, a qual sempre requer tempos mais longos (Pe. Arturo Sosa: *A educação jesuíta hoje*. La Paz, Colegio San Calixto, 18/07/18).

4. Não há quem não veja a rapidez com que, em nossos dias, se está formando uma nova sociedade humana e se está estruturando a humanidade futura; pois a difusão das ideias novas é tanta, que facilmente se vê que está surgindo no mundo de hoje outro modo de pensar e de viver (31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto 28, n. 3).

5. O que estamos vivendo não é apenas uma revolução tecnológica, é uma mudança não só de época histórica, é uma mudança de antropologia, é uma mudança no modo como os seres humanos vivemos, é uma mudança do “habitat” em que vivemos (Pe. Arturo Sosa. *A Educação Jesuíta Hoje*. La Paz, Colegio San Calixto, 18/07/18).

6. O novo contexto em que vivemos, hoje, a nossa missão, está marcado por profundas mudanças, por conflitos agudos e por novas possibilidades. Diz-nos o Santo Padre: “A vossa Congregação desenrola-se num período de grandes mudanças sociais, econômicas e políticas; de acentuados problemas éticos, culturais e ambientais, de conflitos de todo o gênero; mas também de comunicações mais intensas entre os povos, de novas possibilidades de conhecimento e de diálogo, de profundas aspirações à paz. São situações que interpelam, profundamente, a Igreja Católica e a sua capacidade de anunciar aos nossos contemporâneos a Palavra de esperança e de salvação” (35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto n. 3, n. 8).

7. A tecnologia e as distintas formas de comunicação contemporâneas criam um clima mental, afetivo e de comportamento diferente do vivido por gerações anteriores. Mudam as formas de pensar e de aprender. Criam novos ambientes de aprendizagem a partir dos quais as pessoas veem o mundo, se comunicam, partilham informações e constroem conhecimento, estabelecem novas relações com o tempo e espaço e exigem uma nova epistemologia e novas formas de conceber a aprendizagem (CPAL, *Projeto Educativo da Companhia de Jesus na América Latina*, n. 7: *Novas formas de pensar e aprender*, 2005).

Mudanças quanto à religião

8. As últimas três décadas têm comprovado mudanças significativas no papel da religião na sociedade. Europa Ocidental e América do Norte, onde um bom número de colégios jesuítas se localiza, têm visto um declínio significativo no número de pessoas que confessam uma afiliação religiosa, especialmente entre as gerações mais jovens (*Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, n.107).

9. Nesses locais, não é incomum ouvir dúvidas sobre a relevância da religião, particularmente à luz do progresso científico e sob as pressões da cultura consumista (*'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento'*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, n.108).

10. Enquanto o fenômeno é discutido, a expressão “espiritual, mas não religioso” virou jargão e muitos se perguntam por que os jovens de hoje são atraídos por essa forma de expressão religiosa (*'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento'*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, n. 109).

11. Ao mesmo tempo, houve deserções significativas da Igreja Católica para outros grupos religiosos. Por exemplo, quase um em cada cinco latino-americanos se identifica como protestante/evangélico, a maioria deles associada a uma comunidade pentecostal (*'Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento'*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, n. 119).

12. O ritmo rápido das mudanças culturais coexiste com um vazio interior, um novo interesse pela religiosidade popular, uma procura renovada de sentido e uma sede de experiência espiritual, por vezes fora da religião institucional (*35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus. Decreto n. 3, n. 21*).

13. Mais do que os jovens da geração anterior, os de hoje têm mais “motivos” para andar tristes quando percebem as implicações de uma visão cristã da vida e a necessidade de uma mudança fundamental na sua visão do mundo (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Sobre a formação integral na Escola Pereyra*. Torréon, 26/08/90).

14. Em todo o caso, não há dúvida de que os paradigmas culturais que marcaram a civilização ocidental vivem hoje um processo de mudança radical, que arrasta consigo a própria figura do cristianismo convencional, provocando o seu colapso. (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Universidad Católica y evangelización de la cultura*. UNISINOS, São Leopoldo, 08/12/92).

15. Ora como tal influência, tende cada vez mais para o ateísmo e o agnosticismo e neste sentido se exerce, as mais das vezes, nas instituições de educação, é de suma importância neles a presença de cristãos, pois é vontade da Igreja contribuir com todas as suas forças para formar a tempo a mentalidade da sociedade futura e educá-la no respeito de Deus e na plenitude de Cristo (*31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto 28, n. 3*).

Resistência à mudança

16. Como em todas as ciências também em educação a pesquisa avança e conta-se com profissionais comprometidos com um trabalho de qualidade. Ao mesmo tempo, constatam-se a fraqueza na formação docente e a resistência à mudança. Nas instituições educativas da Companhia de Jesus, certas estruturas rígidas inibem as possibilidades de mudança, muitos currículos estão mais centrados em conteúdos do que em valores e competências; existe um exagerado apreço pelo intelectual sobre outras dimensões e áreas... (*Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*, CPAL, 2005).

17. ...muitas vezes custa-nos sair da nossa zona de conforto. Agimos cada qual a seu modo que nos custa deixar o terreno que conhecemos, no qual estamos seguros e nos sentimos bem. Custa muito arriscar-nos no novo, no desconhecido, no que talvez sintamos como ameaça (Pe. Arturo Sosa: *A educação jesuíta hoje*. La Paz, Colegio San Calixto, 18/07/18).

18. É importante notar que as universidades num passado não muito distante eram torres de marfim, fortalezas de estabilidade e permanência frente à mudança do tempo (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *Lección inaugural en la Universidad San Alberto Hurtado*, Santiago de Chile, 01/05/06).

19. Por outro lado, em todas as instituições – grandes ou pequenas - pode também dar-se o perigo do contrário: a criação de um ‘status’ intocável, com rendimento de trabalho pouco satisfatório que apenas pode comparar-se com o de outros membros da comunidade educativa, com resistência a qualquer mudança de horários, a uma necessária avaliação e a qualquer pedido de colaboração – sacerdotal ou de atividades paraescolares – que caiam fora da atividade profissional (Pe. Pedro Arrupe. *Nossos colégios hoje e amanhã*. Roma, Cúria Geral, n. 19).

20. Ao mesmo tempo devo preveni-los do perigo da inércia. É indispensável que caiam na conta da mudança havida na Igreja e na Companhia e da necessidade de acompanhar-lhes o passo... Uma comunidade que é levada a julgar que o seu colégio não está necessitando de mudança, está ameaçando, a prazo fixo, a agonia do próprio colégio. É questão de uma geração. Por mais doloroso que seja, é mister podar a árvore para que recobre as forças. São indispensáveis a adaptação das estruturas e a formação permanente às novas condições (Pe. Pedro Arrupe. *Nossos colégios hoje e amanhã*. Roma, Cúria Geral, n. 28).

21. As comunidades jesuíticas deveriam ajudar cada um dos seus membros a vencer as resistências, temores e apatias, que impedem a compreensão verdadeira dos problemas sociais, econômicos e políticos que se põem na cidade, na região ou no país, até mesmo a nível internacional (32ª *Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto n. 4, n. 43).

22. A Congregação faz um apelo a toda a Companhia a renovar nossa vida apostólica tomando como base a esperança... Esta renovação centrada na esperança diz respeito a todos os nossos diversos apostolados (36ª *Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto n. 1, n. 32).

Necessidade da mudança

23. Deus nos chama ao movimento contínuo de reconciliação com Ele, com a humanidade e com a criação, colaborando para a construção de uma sociedade em que a justiça se faça presente nas relações, na mudança das estruturas sociais e no cuidado com a casa comum (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

24. Se a Companhia quiser ser fiel a si mesma, se não quiser mudar e trair o traço mais profundo do seu espírito, paradoxalmente terá que mudar profundamente na maioria das suas concreções temporais (Pe. Pedro Arrupe. *Hombres y mujeres para los demás*. Valencia, 1973).

25. Nos últimos tempos, os Congregações Gerais 35 e 36 contribuíram com elementos importantes para este esforço contínuo de renovação, adaptação, reimaginação e, de certa forma, reinvenção da educação jesuíta. Em 2008, o CG 35 fez um apelo muito específico... (JMesa. *Las Congregaciones Generales 35 y 36 refuerzan el llamado a la renovación y muestran el camino*, 2021).

26. ... todos nós participantes, convencemo-nos de que os novos 'sinais dos tempos' justificam uma mudança em nosso modo de proceder (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

27. A espiritualidade inaciana é uma espiritualidade da inconformidade como a do Evangelho: nunca ficamos satisfeitos com o que se alcançou; agradecemos-lo como dom, mas perguntamo-nos a nós mesmos. 'Temos chegado até aqui, mas o que mais podemos fazer, como podemos melhorar?' (Pe. Arturo Sosa: *A educação jesuíta hoje*. La Paz, Colegio San Calixto, 18/07/18).

28. ...julgamos que o texto [Projeto Educativo] que lhes enviamos é em si muito bom, inspirador e motivador, reflete o vigor de nosso apostolado

educativo e, ao mesmo tempo, convida a mudanças significativas que exigirão de muitas instituições certa ousadia e uma revisão de paradigmas. Essas mudanças, necessárias para adequar nosso trabalho educativo às necessidades do mundo de hoje, podem contribuir para melhorar e reforçar nosso compromisso e identidade no campo da educação na América Latina (*Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*. CPAL, 2005).

Sentido da mudança

29. Em qualquer hipótese, este nosso mundo em mudança é o único em que fomos chamados a cumprir a nossa missão. A única questão que merece a nossa atenção é como garantir que exercemos o nosso apostolado de uma forma que melhor influencie o presente (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *A la Asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía en los Estados Unidos sobre las características de nuestra educación*. Georgetown, 07/06/89).

30. ...não podemos mudar até às últimas consequências, se não mudarmos nosso mundo. Educar para a justiça é, portanto, educar para a mudança, formar homens que sejam agentes eficazes de transformação e de mudança (Pe. Pedro Arrupe. *Hombres y mujeres para los demás*. Valencia, 1973).

31. Na concepção ignaciana de serviço há sempre um fator de crescimento muito importante que leva à transformação. Se não houver transformação, significa que o processo falhou. O objetivo final é a transformação da pessoa e, eventualmente, através das pessoas, da sociedade. (Pe. Adolfo Nicolás, *Liderazgo Ignaciano*, Valladolid, 06/05/13).

32. Há questões fundamentais que nos fazem refletir muito. Por exemplo, a erupção das novas tecnologias, que além de ser instrumentos cada vez mais importantes no dia a dia das sociedades, vão também criando um novo tipo de ser humano que capta a realidade a partir de novas perspectivas (Pe. Arturo Sosa: *A educação jesuíta hoje*. La Paz, Colegio San Calixto, 18/07/18).

33. Educar pessoas capazes de transformar o mal em bem é uma parte muito importante da nossa missão, tanto pastoral como educativa, como tudo o que tem a ver com a vida dos outros (Pe. Adolfo Nicolás. *La Educación en la Compañía de Jesús*. Gijón, 08/05/13).

34. Somos conscientes de que nossa tradição nos chama a participar de uma conversa contínua sobre os melhores meios para servirmos à nossa

missão hoje, que deve se refletir na renovação e na inovação em nossos colégios e modelos pedagógicos (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

Posicionamento frente à mudança

35. No entanto, a Companhia de Jesus está consciente de que o nosso mundo continua mudando, que vivemos num tempo de rápidas transformações em todos os níveis e que, em resposta a este contexto, as nossas obras educativas devem manter um discernimento constante para reconhecer os desafios e oportunidades que esta rápida mudança traz (Pe. José Alberto Mesa. *Educación Jesuita: una tradición viva*).

36. É próprio da Companhia de Jesus responder aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar. Contamos com amplas condições para enveredar por um caminho de mudanças, pois somos um corpo de profissionais qualificados, temos uma sólida tradição educativa, dispomos de vasta experiência educativa e construímos uma proposta coletivamente, atentos às propostas pedagógicas atuais e às possibilidades advindas do contexto atual (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

37. Ali [Congresso Europeu de Antigos Alunos, em Valencia, Espanha, 1973], o Pe. Arrupe destacou que, desde o seu início, a missão da Companhia foi formar 'agentes de mudança', na sociedade e na Igreja, para renovar e transformar as estruturas de convivência nas quais se percebiam as expressões de pecado, uma vez que incorporavam relacionamentos injustos (Pe. Adolfo Nicolás. *Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social: la búsqueda de un mejor futuro para la humanidad*. Medellín, 8º Congreso Mundial de Antiguos Alumnos, 15/08/13).

38. ...sobre uma condição e qualidade indispensável que o homem deve possuir hoje, se quiser realmente servir eficazmente os outros: a de ser agente, promotor de mudança (Pe. Pedro Arrupe. *Hombres y mujeres para los demás*. Valencia, 1973).

39. É claro que houve e continuará a haver mudanças na Companhia. No entanto, permanecemos fieis à inspiração de Santo Inácio: o serviço da Companhia à Igreja e o desejo de responder às necessidades expressas pelo 'Vigário de Cristo na terra' continuam fortes (Pe. Peter-Hans Kolvenbach).

Sobre el compromiso de todos en el servicio de la Iglesia. Congreso Mundial de Antiguos Alumnos. Versailles, 20/07/86).

40. Não é a mudança pela mudança que se pretende. Trata-se de ver uma forma de servir mais e melhor, adaptando-se às circunstâncias dos tempos e momentos, segundo um princípio muito inaciano (Pe. José Alberto Mesa. *Discurso del Pe. Peter-Hans Kolvenbach en Caracas, 1998*).

41. O Decreto n. 1 da 33ª Congregação Geral sugeria um padrão, ao exortar-nos à revisão dos ministérios da Companhia que incluisse, entre outros, 'a mudança dos modos de pensar, que se obtém exercitando-se num esforço constante de integrar experiência, reflexão e ação' (*Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*, n. 40).

42. Toda mudança deve ser resultado de uma pesquisa cuidadosa, assumindo o risco que ela implica (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *Sobre la visión ignaciana de la comunidad educativa. A los rectores de colegios de Italia*. Turin, 13/12/86).

Mudanças na educação

43. É indispensável que [os educadores] caiam na conta da mudança havida na Igreja e na Companhia e da necessidade de acompanhar-lhes o passo. Somos obrigados a confessar que se houve incompreensão em diferentes setores da Companhia e desinteresse das gerações mais jovens e dinâmicas da mesma em relação a alguns colégios, especialmente aos de maior porte, isto deveu-se, talvez, ao desajuste destas instituições a uma sociedade, a uma Igreja e a uma Companhia possuídas de uma nova dinâmica (Pe. Pedro Arrupe: *Nossos colégios hoje e amanhã*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, 1980, n. 28).

44. ...a educação jesuíta deveria mudar-nos a nós e aos nossos alunos. Nós, educadores, estamos em um processo de mudança. Não há nenhum encontro real que não nos afete. Que tipo de relacionamento teremos com nossos alunos se nós mesmos não mudamos? (Pe. Adolfo Nicolás. *Profundidad, universalidad y ministerio intelectual. Retos para la educación superior jesuita hoy*. Ciudad de México, 23/04/10).

45. Mas o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis da iniciativa humana, e por sistemas e ideologias competitivas entre si, não pode permanecer tão restrito, se

quisermos efetivamente preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade (Pedagogia Inaciana. *Uma proposta prática*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, n. 79).

46. Daqui a necessidade duma revisão dos nossos tradicionais métodos apostólicos, das nossas atitudes e das nossas instituições, para tudo adaptar às novas exigências da nossa época e, mais amplamente, a um mundo em mutação acelerada (32ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto n. 4, n. 9).

47. Temos de discernir cuidadosamente o modo como trabalhamos na educação e na pastoral, especialmente com os jovens, numa cultura pós-moderna sempre em mudança (35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto n. 3, n. 23).

48. A educação jesuíta, se realmente alcança o seu objetivo, deve conduzir finalmente a uma transformação radical, não só do modo ordinário de pensar e agir, mas também do modo de entender a vida, como homens e mulheres competentes, conscientes e compassivos, que buscam o 'maior bem' na realização do compromisso da fé e da justiça, para melhorar a qualidade de vida dos homens, especialmente dos pobres de Deus, oprimidos e desamparados (Pedagogia Inaciana. *Uma proposta prática*. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, 1993, n. 19).

49. Exige-se uma grande mudança nas nossas escolas. Um genuíno discernimento, no centro da nossa espiritualidade, irá guiar-nos através dela (*Seminário Internacional sobre Pedagogia y Espiritualidad Ignaciana-SIPEI*, Manresa, 2014, Consensos finais).

50. O PPI (Paradigma Pedagógico Inaciano) propõe o estilo de tal mudança, mas não requer substituição, mas a incorporação de pedagogias e metodologias atuais que possam implementar o tipo de renovação que necessitamos em nossas escolas (Pe. José Alberto Mesa. *La excelencia humana. Hombres y mujeres conscientes, competentes, compassivos, comprometidos*).

51. A renovação é uma tarefa permanente no trabalho educativo. Temos que dar um passo à frente do que hoje sabemos e imaginamos. Nossos modelos educacionais devem preparar os jovens para o futuro. Não podemos permanecer em modelos educativos nos quais os adultos nos sentimos confortáveis. Por isso, é preciso dar um passo à frente. Temos que estar alertas

contra o perigo da inércia institucional que impede o discernimento e a necessária renovação (Pe. Arturo Sosa: *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Rio de Janeiro, 20/10/17).

52. As escolas secundárias, quer sejam fundações novas quer sejam colégios antigos, têm que aperfeiçoar-se cada vez mais, já sob o aspecto pedagógico, já como centros de cultura e de fé para os leigos nossos colaboradores, para as famílias dos alunos e para os antigos alunos e através deles para toda a comunidade da região (*31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto n. 28, n. 18).

53. A comunidade educativa de um centro da Companhia estuda as necessidades da sociedade atual... Na base destas reflexões são introduzidas mudanças consideradas necessárias ou úteis na estrutura, nos métodos, no currículo etc. (*Características da Educação da Companhia de Jesus*, n. 45).

54. A análise social da realidade em que vive e se situa o colégio pode levar a uma autoavaliação institucional, que venha a exigir mudanças nas linhas de ação e na vida prática do colégio (*Características da Educação da Companhia de Jesus*, Roma, Cúria Geral, n. 79).

55. A visão, a missão, a integração do setor educativo, as mudanças, as dificuldades de sustentabilidade e novas exigências requerem um novo desenho organizacional de nossas instituições (*Projeto Educativo da Companhia de Jesus na América Latina*, 2005, n. 9: Novo desenho organizacional e gestão eficaz).

56. O rumo de mudança que ora iniciamos orienta-se pelo Projeto Educativo Comum (PEC), fruto de consulta ampla e de construção coletiva entre os Colégios e Escolas Jesuítas do Brasil (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

57. As deliberações dos membros do SIPEI¹⁸ concluíram que nossos centros deveriam se comprometer a:

I. Uma transformação e mudança profundas para responder aos desafios do século XXI no espírito de 'procurar sempre o magis' (34ª C.G.)...

¹⁸ *Seminário Internacional sobre Pedagogia e Espiritualidade Inaciana*, realizado em Manresa (Espanha) de 02 a 08/11/14. In: Centro Virtual de Pedagogia Inaciana: www.pedagogiaignaciana.com

II. Não permitir que o medo detenha ou coloque obstáculo a uma mudança significativa e necessária (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

58. Com esses compromissos em mente, recomendamos as seguintes ações, as quais nos ajudarão a impulsionar a renovação pedagógica como rede global: I. Comprometemo-nos, como escolas em rede e local, a incentivar um processo de diagnóstico e reflexão que impulsionará mudanças profundas e globais nos processos de ensino e aprendizagem (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

59. O objetivo último da educação é naturalmente a transformação do indivíduo, e por trás disso está a transformação do contexto, da sociedade: nem tudo termina no indivíduo. Tanto Santo Inácio como os grandes espiritualistas de todos os tempos perceberam que uma transformação social não tem persistência se não houver mudança (Pe. Adolfo Nicolás, *La Educación en la Compañía de Jesús*. Gijón, 08/05/13).

60. Sabemos, contudo, que toda mudança implica correr riscos, mas entendemos que o risco maior reside em não ousar mudar. A Companhia de Jesus se manteve com relevância no apostolado educativo desde sua fundação, por sua capacidade de reinvenção contínua, ousadia em inovar e renovar, e também coragem para construir e trilhar caminhos e processos novos (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

61. Dado o advento da Inteligência Artificial, a quarta revolução industrial, e suas implicações para a experiência humana e as mudanças que trará para as condições de trabalho, cabe aos nossos colégios enraizarem-se na educação humanista pela qual sempre foram reconhecidos (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*).

62. Num mundo onde a mudança é o fator constante, a educação deve ser sobretudo uma 'crítica da cultura', dos valores predominantes que nem sempre são justos ou adequados (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Sobre los valores y las dificultades de la educación a la comunidad educativa del ITESO*, Guadalajara, 29/08/90).

63. De modo semelhante, a educação superior da Companhia é chamada em nossos dias a dar respostas criativas à mudança radical da época que estamos vivendo. Hoje Inácio ficaria fascinado ante o fenômeno da globalização, com todas as suas incríveis oportunidades e as suas terríveis ameaças, e não se esquivaria dos desafios que ela acarreta. (Pe. Peter-Hans

Kolvenbach. *La Compañía de Jesús a la luz del carisma ignaciano*. Roma, Monte Cucco, 27/05/11).

64. Assumimos a nossa responsabilidade como universidade da Companhia perante uma sociedade tão escandalosamente injusta, tão complexa para compreender e tão resistente à mudança (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Santa Clara, 06/10/00).

65. Respondamos com imaginação e criatividade... Corresponde-nos criar modelos. Não tenhamos medo disso. Ao fazê-lo, também prestamos um serviço à Igreja, que pediu à educação católica para renovar a sua paixão por esse serviço ao mundo. Perguntemo-nos, como fez o Papa Francisco à Companhia ao celebrar a canonização do Beato Pedro Fabro: Temos grandes visões e desejos? Estamos nos arriscando? Estamos voando alto? O zelo do Senhor nos devora (Salmo 69, 10)? Ou somos medíocres e nos contentamos em repetir programas apostólicos que não atingem as pessoas e as suas necessidades? (Pe. Arturo Sosa. *A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. 1º. Encontro Mundial de Delegados de Educação Jesuíta. Rio de Janeiro, 20/07/17).

66. Toda mudança deve ser o resultado de uma investigação cuidadosa, assumindo o risco que a mudança implica. As áreas de renovação ou mudança são múltiplas. Na educação devemos considerar como concretizar ainda mais os valores e os métodos de educação. Ao ensinar, temos de ter em conta as necessidades do mundo cultural atual e estar dispostos a adaptar tanto o conteúdo como o método dos nossos ensinamentos (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Sobre el ministerio de la enseñanza en colegios*. Turín, 13/12/86).

67. Lembremo-nos de que os primeiros jesuítas investiram tempo e recursos para criar um modelo educativo que, embora fosse eclético em seus componentes, unificava-se sob a visão inaciana do mundo. Todos conhecemos as grandes contribuições desse modelo que a Companhia denominou *Ratio Studiorum*. Somos chamados a ter igual criatividade para responder aos desafios do futuro sempre incerto, a partir do nosso contexto atual (Pe. Arturo Sosa. *A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. 1º. Encontro Mundial de Delegados de Educação Jesuíta. Rio de Janeiro, 20/07/17).

68. Embora os colégios de educação presencial, que alguns chamam de tradicionais, continuem importantes, devemos ter a liberdade e a criatividade para explorar outros modelos, mesmo que sejam híbridos, como o 'flip-flop', ou colégios 'on-line', inclusive modelos pedagógicos e educacionais de fronteira que encarnem o magis hoje (Pe. Arturo Sosa. *A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. 1º. Encontro Mundial de Delegados de Educação Jesuíta. Rio de Janeiro, 20/07/17).

69. ...urge que nossas instituições sejam espaços de pesquisa pedagógica e verdadeiros laboratórios de inovação didática, dos quais surjam novos métodos ou modelos formativos. Isto implicará que exploremos o que os outros fazem e o que podemos aprender deles, como também o que a ciência da pedagogia apresenta para um mundo cada vez mais tecnológico caracterizado pela cultura digital na qual nossos alunos nasceram e cresceram. É necessário que nossas instituições estejam conscientes da mudança antropológica e cultural que estamos presenciando e saibam educar e formar de um modo novo para um futuro diferente (Pe. Arturo Sosa. *A educação da Companhia: uma pedagogia a serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. 1º. Encontro Mundial de Delegados de Educação Jesuíta. Rio de Janeiro, 20/07/17).

70. As relações pessoais com os alunos ajudam os membros adultos da comunidade educativa a se abrirem à mudança, a continuarem a aprender. Assim serão mais positivos em seu trabalho. Isto é especialmente importante nos dias de hoje, dada a rápida mudança cultural e a dificuldade que os adultos podem ter para entender e interpretar corretamente as pressões culturais que afetam os jovens (*Características da Educação da Companhia de Jesus*, n. 57).

71. A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente. Esta consciência inclui a noção de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com um compromisso de trabalhar por essas mudanças... (*Características da Educação da Companhia de Jesus*, n. 58).

72. [Os jesuítas] Deem todos testemunho de vida religiosa e apostólica; convençam-se que a obra comum sobrepõe os êxitos particulares; e tratem de renovar-se sem cessar, tanto espiritual como intelectualmente. Para este fim promovam os Superiores inquéritos, investigações, experiências, a criação de novos métodos de educação... (*31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto 28, n. 13 a).

73. Renovar ou morrer, parecia ser o lema. Aqueles que optaram pela mudança transformaram as instituições e redescobriram um novo significado ao tradicional apostolado educativo da Companhia (Pe. José Alberto Mesa, *El Liderazgo de los Padres Generales en la Educación Jesuita Contemporánea*, 2021).

74. Polanco fez saber que Inácio estava disposto a aceitar grandes mudanças dentro da Companhia para abrir espaço para este novo ministério apostólico [educacional]. (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *La Universidad Pontificia Gregoriana y la visión de San Ignacio*. Roma, 05/04/01).

Atores da mudança

75. E dentro da realidade buscamos mudança e transformação, porque era isso que Inácio queria do exercitante, e o que ele queria através da educação, através do ministério, que os exercitantes e outros pudessem ser transformados. Pe. Adolfo Nicolás. *Profundidad, universalidad y ministerio intelectual. Retos para la educación superior jesuita hoy*. Ciudad de México, 23/04/10).

76. O nosso objetivo é promover uma abordagem que abranja toda a escola para o desenvolvimento de jovens que trabalhem para influenciar a mudança estrutural nos contextos locais, regionais e globais do mundo em que vivemos através de meios pacíficos. Esperamos que os alunos, pais, professores, administradores e membros do conselho das escolas jesuítas sejam todos Cidadãos Globais (Secretariado de Educação da Companhia de Jesus. *Ciudadanía Global: Una Perspectiva Ignaciana*, Documento de Trabalho, 2019).

77. Enquanto rede global de Colégios Jesuítas que abrange todo o mundo, estamos numa posição única para educar os nossos alunos para serem agentes de mudança e promotores de justiça num mundo que está unido, mas ao mesmo tempo isolado (Pe. José Alberto Mesa. *Ciudadanía Global: Una Perspectiva Ignaciana*, 2019).

78. [Nossa herança]... continuar oferecendo educação de qualidade na tradição humanista jesuíta de preparar os alunos para se tornarem agentes de mudança a serviço do bem comum ('*Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI. Um exercício contínuo de discernimento*', n. 8).

79. Esforçamo-nos por identificar o que não torna possível o desenvolvimento humano, na Terra, tanto local como globalmente, e

estamos dispostos a mudar isso (Secretariado de Educação da Companhia de Jesus, *Ciudadanía Global: Una Perspectiva Ignaciana*, 2019).

80. E há que se ter em conta que, para a superação das estruturas injustas não se pode esquecer que os principais agentes de transformação e de mudança não são os mais oprimidos, dos quais os mais privilegiados, por assumir a sua causa, são simples colaboradores instalados nos pontos de controle da estrutura que se pretende mudar (Pe. Pedro Arrupe. *Hombres y mujeres para los demás*. Valencia, 1973).

81. Qualquer que seja a sua origem religiosa, os que saem de nossas instituições educativas devem fazê-lo com uma sensibilidade pela justiça, o respeito e a apreciação da sua própria identidade religiosa e da dos outros, e um sentido de vocação para tratar de mudar o mundo em que vivem (Pe. Arturo Sosa, *Carta à Companhia de Jesus sobre os Secretários de Áreas Apostólicas*. Roma, Cúria Geral: 13/07/2019).

82. [Que] Os professores... possam oferecer aos alunos uma formação intelectual, moral e espiritual, que lhes permita assumir um compromisso de serviço, que os transforme em agentes de mudança (*Características da Educação da Companhia de Jesus*, n. 78).

83. Isto significa que a vossa visão unificadora da vida deve ser excitante e atraente para vossos alunos, estimulando-os ao diálogo sobre os temas que realmente importam. Deve animá-los a assimilar atitudes de profunda e universal compaixão por nossos irmãos e irmãs sofredores, e a se transformarem, eles mesmos, em homens e mulheres de paz e justiça, comprometidos em serem agentes de mudança num mundo que reconhece quão difundida está a injustiça, e quão persuasivas são as forças da opressão, do egoísmo e do consumismo (*Pedagogia Ignaciana. Uma proposta prática*, n. 123).

84. A comunidade educativa deve ser capaz de encorajá-los [os estudantes] a internalizar atitudes de compaixão profunda e universal pelos seus próximos que sofrem, e a transformar os estudantes em homens e mulheres de paz e justiça, empenhados em serem agentes de mudança num mundo que reconhece como a injustiça. está generalizada, como são penetrantes as forças da opressão, do egoísmo e do consumismo... (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *Sobre la formación integral*. Torreón, Colegio Pereyra, 26/08/90).

85. Cuidem os Provinciais, tendo em conta o parecer dos peritos e o da Comissão da seleção de ministérios, que o apostolado da educação se vá debruçar e de contínuo adaptando, ao mesmo tempo em que os outros

ministérios, às circunstâncias de pessoas, lugares e tempos (*31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto n. 28, n. 8).

Iniciativas de mudanças

86. Nos últimos vinte anos, em resposta às Congregações Gerais 32 e 33, grande número de jesuítas e leigos que trabalham no apostolado da educação secundária iniciaram e levaram a cabo uma significativa renovação apostólica:

- Instituições se abriram a grupos economicamente desfavorecidos
- A qualidade da educação melhorou de acordo com os documentos
- A cooperação entre jesuítas e leigos aumentou consideravelmente
- Os colégios se tornaram plataformas atingindo a comunidade escolar e circundante, também aos pobres e desfavorecidos
- Jesuítas compartilharam a herança educacional
- Contribuição da educação popular para o apostolado educacional (*34ª Congregação Geral da Companhia de Jesus*, Decreto n. 18, n. 1).

87. Uma segunda razão para a mudança da Companhia advém da sua tradicional inserção nas realidades mais profundas do mundo. Este mundo que muda tanto provocou mudanças profundas na Companhia. Para referir-nos apenas ao apostolado da educação, é fácil perceber como as leis governamentais, as reivindicações sindicais, as obrigações financeiras, as novas técnicas pedagógicas e as novas formas de exercer a liderança influenciaram e produziram efeitos profundos nas nossas instituições (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *Sobre el compromiso en el servicio de la Iglesia*. Congresso Mundial de Antigos Alunos. Versailles, 20/07/86).

88. A Companhia deu passos gigantescos nestes últimos anos neste tipo de ensino, especialmente em países e zonas culturalmente subdesenvolvidos. Pondo em andamento iniciativas bem na linha das últimas Congregações Gerais, serviu-se para este fim dos meios modernos de comunicação de massa com a criação de instituições educativas de novo tipo: radiofônicas, audiovisuais, cursos por correspondência, etc. (Pe. Pedro Arrupe: *Nossos colégios hoje e amanhã*, 1980, n. 3).

89. Os Exercícios Espirituais transformaram muitos corações e muitas vidas e têm sido a fonte de mudanças importantes, sociais e culturais (Pe. Peter-Hans Kolvenbach. *Visita del Pe. General al Colegio San Luis*. Malta, 07 y 08/10/07).

90. Leigos e religiosos, mulheres e homens, indígenas e os de diferentes experiências religiosas e espirituais: todos estes nos levaram a uma mudança e estimularam em nós um maior sentido de Deus, 'em quem vivemos, nos movemos, e existimos' (35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus. Decreto n. 6, n. 5).

91. Compartilhar o carisma educativo com leigos e leigas, religiosos e religiosas de outras famílias tem sido uma fonte de renovação criativa do modelo pedagógico (Pe. Arturo Sosa: *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Rio de Janeiro, 20/10/17).

92. Um tempo de rápida mudança não costuma ser um tempo pacífico. Não podemos dizer que os nossos esforços para cumprir o Vaticano II ou para responder a um mundo em mudança foram um sucesso. Os Jesuítas, como qualquer pessoa na Igreja ou na própria sociedade humana, cometeram erros e fracassos. Mas quero insistir que a nossa direção é saudável, que estamos tentando, da melhor maneira que podemos e sabemos, servir a Igreja como pensamos que Santo Inácio teria desejado para os seus filhos, hoje. (Pe. Peter-Hans Kolvenbach: *Sobre el compromiso en el servicio de la Iglesia*. Congresso Mundial de Antigos Alunos. Versailles 20/07/1986).

93. Ao longo dos anos, as Unidades Educativas da Companhia de Jesus no Brasil adaptaram suas estruturas sem necessariamente discernir se as mudanças qualificariam a proposta educativa da Companhia, o que, em muitos casos, levou a estruturas demasiadamente pesadas, em certa medida desnecessárias e que não têm gerado evidências de alcance de melhores resultados na aprendizagem integral dos estudantes (Rede Jesuíta de Educação. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*, n. 62).

94. O Santo Padre sublinhou que não podemos ficar satisfeitos com o status quo de nossos ministérios. Impulsionou-nos de novo ao magis, a 'esse mais' que levou 'Inácio a iniciar processos, a acompanhá-los e a avaliar sua real incidência na vida das pessoas (36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto 1, n. 39).

